FENAE

AGORA

Um ano de luta por cidadania

FENAE AGORA - edição 13 - ano 2 - nº 01 - fevereiro de 1999 - distribuição gratuita

Eleições para a Diretoria Executiva
e Conselho Fiscal da FENAE
Dia 18 de março de 1999
FENAE

Capa: A edição de um ano da revista comemora a luta da FENAE por cidadania
Pág. 16

AGORA FENAE

7 Janio de Freitas mostra como a elite brasileira é despreparada

8 Emílio Carrazai fala em valorizar os empregados da Caixa

10 A verdadeira reforma tributária não interessa ao governo federal

24 "Privatização, a falsa saída" é o título do artigo cie Aloysio Biondi

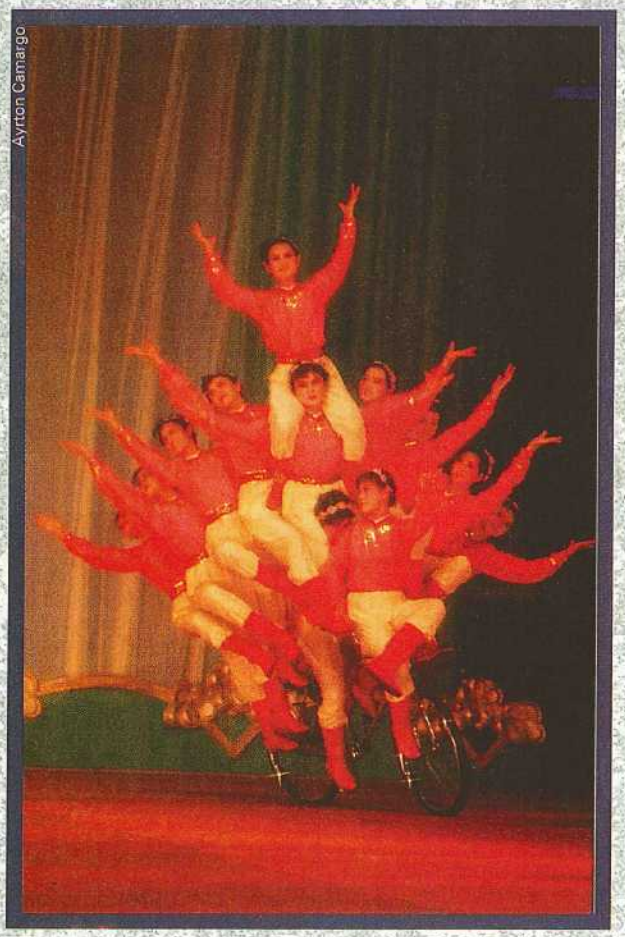
34 Médici parabeniza a FENAE, é o terma da história da Federação

35 A mania dos brasileiros de jogar e apostar na sorte grande

40 O Distrito Federal no próximo campeonato brasileiro de futebol

41 Tárik de Souza fala que 1999 é o ano chico buarqueano

44 Sol, a energia inesgotável que nosso país não sabe aproveitar


Ayrton Camargo

A modernização do circo, o sonho e a fantasia que ele ainda desperta
Pág. 34

J. Roberto Couto

As belezas de Fortaleza e as diversas opções de lazer que a cidade oferece estão na Pág. 42

FENAE AGORA

FENAE AGORA
edição 13 - ano 2 - nº 01 - fevereiro/1999

Publicação da FENAE -
Federação Nacional das Associações
do Pessoal da Caixa Econômica Federal

Administração e redação:
Setor Comercial Sul, quadra 1, edifício União,
6º andar, Brasília/DF, CEP: 70300-901
Telefone: (061) 323-7516
Fax: (061) 325-6057
Homepage: www.fenae.org.br
E-mail (Internet): fenae@fenae.org.br

Diretoria Executiva
Presidente:
Carlos Caser
Vice-Presidente:
José Francisco Zimmermman
Diretor Financeiro:
Carlos Borges
Diretor de Relações no Trabalho:
João Alberto Garcia Moschkovich
Diretor Administrativo:
Admilson dos Santos Canuto
Diretor de Esportes:
Jorge Cruz Marçal
Diretor Cultural:
Emanoel Souza de Jesus
Suplente: José Durval Fernandes Reis
Conselho Fiscal
Orlando Martins Pinto
Jesus Rodrigues Alves
Cláudio Pimentel Corrêa
Suplente
Bernadete Santos de Aquino
Conselho Deliberativo Nacional
Presidente: Jorge Peixoto de Mattos
Vice-Presidente: Maria Auxiliadora N. de Almeida
Secretário: Fernando de Mello

Editor: Afonso Costa (MTb - RJ 16.234)
Redação: Antônio José, Evandro Peixoto e Marcio Sardi
Colaboradores: Janio de Freitas, Aloysio Biondi, Tárik de Souza e Adacir Reis
Diagramação: Hélder Narde
Ilustração: Lisarb
Impressão: Bangraf

Tiragem desta edição: 75 mil exemplares comprovada por *Price Waterhouse*, cuja carta-relatório encontra-se conosco.

Os artigos assinados são de responsabilidade dos seus autores. As matérias podem ser reproduzidas, desde que citada a fonte.

Distribuição gratuita

A cidadania como opção

Com esta edição comemoramos um ano de FENAE AGORA *Nossa revista, um esforço político, financeiro e administrativo da diretoria da Federação, tem atingido até aqui os seus objetivos: informar e debatei" os diversos aspectos da vida.*

A Caixa Econômica Federal, o sistema financeiro nacional, a política, a economia, a saúde, as relações de trabalho, a cultura, os esportes, o meio ambiente e tantos outros assuntos foram discutidos com os empregados da Caixa, demais sindicatos de trabalhadores, organizações não-govemamentais, parlamentares e outros segmentos sociais.

Em todas essas questões procuramos apresentar as distintas visões sobre os temas em tela, privilegiando, obviamente, a ótica dos trabalhadores. Afinal, é preciso que cada vez mais vozes se levantem contra a submissão de grande parte da imprensa brasileira ao governo federal.

É preciso que mais vozes se levantem pela cidadania
FA

A quase unanimidade da imprensa formada em tomo do projeto de entrega das riquezas nacionais e de destrição do Estado nacional é clara: procura beneficiar os banqueiros, principalmente os internacionais, apoiando os megaespeculadores e as multinacionais, abrindo mão de qualquer conceito de ética e de lisura.

E lamentável que isso continue ocorrendo, apesar da crise que atravessa o país e da comprovada inépcia de Fernando Henrique Cardoso e sua equipe para dirigir os destinos do Brasil.

Apesar disso tudo, o momento é de seguir em frente. Está em debate no Congresso a reforma tributária. Esta, se bem conduzida, poderá iniciar um novo ciclo em nosso país, de justa distribuição de retida e de redução das desigualdades sociais.

Ao mesmo tempo, tomou posse o novo presidente da Caixa, Emílio Carazzai. Em que pese seu discurso de valorização dos empregados, serão precisas ações concretas para que torne suas palavras em realidade. Afinal de contas, ninguém sentirá saudades de Cutolo, que continua - é bom lembrar - na presidência do Conselho de Administração da Caixa.

Mas como nem tudo é luta nesta vida, trazemos para você leitor as belezas de Fortaleza. A linda capital cearense é um convite para aproveitar esse resto de verão ou mesmo para uma férias fora de temporada, muito mais baratas.

O circo e as modernizações que vem sofrendo em todas as partes do mundo são outro tema deste edição. É curioso perceber como essa arte secular consegue resistir ao tempo e prossegue encantando crianças e adultos, apesar da alta tecnologia que envolve diversos tipos de diversão.

Esperamos que durante este um ano que estivemos com você e que nas nossas próximas edições possamos continuar e aperfeiçoar ainda mais a luta pela cidadania e pela divulgação das curiosidades e belezas que nos reservam a vida.

Fundo de quintal

A maior companhia brasileira de cinema nasceu, quem diria, de um filme doméstico feito na casa de seu criador, Franco Zampari. Entusiasmado com a história do roubo de uma jóia, filmada em sua casa por Adolfo Celi com duração de cinco minutos, Zampari iniciou a construção da Vera Cruz. "Caiçara", o primeiro filme da companhia, foi dirigido pelo próprio Celi em 1949, segundo conta www.revistaurbana.com/cinem/vera.

Nehil Hamilton/CB

Academia de esporte

Raula de Araújo/CB

Formação de atletas e capacitação de professores num ambiente integrado. É o que propõe o projeto da Universidade do Esporte, levado adiante pelo governo do estado do Paraná. O endereço lepus.celepar.br/celepar/seet/presp/olimpica/vila03p.html traz informações técnicas sobre o projeto.

Dinos para crianças

De Jundiaí vem a página http://www.arojjan.com.br/dinos, do núcleo educacional infantil Arojjan, que fala sobre a era dos dinossauros. O site fala sobre as espécies de dinossauros que foram descobertas pelo homem em linguagem acessível às crianças.

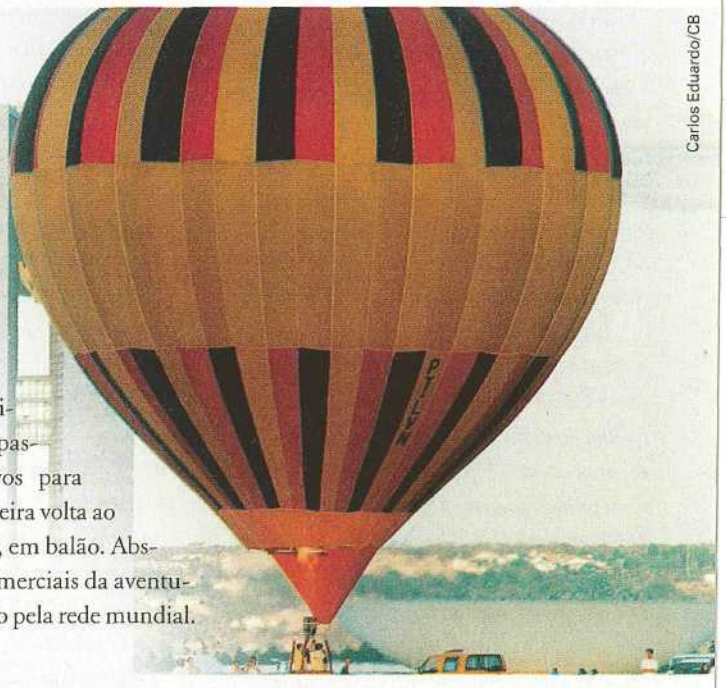
A FENAE na web

Ao clicar no ícone FENAE, na homepage da Federação, o internauta conhece o histórico da entidade, a composição de sua diretoria e do Conselho Deliberativo Nacional (CDN). A partir desse ícone, também é possível chegar aos sites da Fenaetur e da FENAE Corretora.

Conheça a FENAE também pela Internet!

Aos céus

"A última grande aventura" é contada, em inglês, no site www.remax.com/remax/balloon. Utilizando a mais moderna tecnologia, um grupo de balonistas iniciou, ainda no ano passado, os preparativos para conseguir dar a primeira volta ao mundo, sem escalas, em balão. Abstraia os interesses comerciais da aventura e acompanhe o vôo pela rede mundial.



Carlos Eduardo/CB

FENAE AGORA: imprensal@fenae.org.br

Dos LEITORES

Agricultura

O Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Juruena (MT) cumprimenta a FENAE pelas notícias da revista FENAE AGORA, uma publicação que vem sendo útil aos lavradores da região no sentido da educação econômica do setor da agricultura, principalmente o estudo do professor Fernando Homem de Melo, da Universidade de São Paulo. Ênfase especial para a tese de que a agricultura do país não produz calorias e proteínas suficientes para assegurar uma vida saudável a quem precisa.

Interessante ainda foi outro artigo publicado pela FENAE AGORA, em outubro/98, sobre a atual crise econômica por que passa o Brasil. As informações ali contidas retraíam bem o futuro da população brasileira.

Erondina Kniess
Juruena (MT)

Decepção

Dou como recebido o nº ll da FENAE AGORA, que, por sinal, está um pouco melhor que as anteriores, embora suas matérias nada digam a respeito da classe economiária, extinta com a adesão à classe bancária.

Decepção por artigos assinados por quem nada tem a ver com a Caixa, seus empregados e sua história; suas frustrações, suas angústias e suas misérias - especialmente os aposentados - graças a administração desastrosa de Cutolo & cia. E a revista, que se diz porta-voz da Federação Nacional das APCEFs, maliciosamente, nem ao menos toca nos interesses lesados dos economiários.

E veja-se que com ações e direitos sob sentença transitada em julgado na Justiça, que a Caixa não paga e nem dá a mínima satisfação às decisões de uma justiça, por isso mesmo, sempre colocada sob suspeita. Faz uma publicidade demagógica e idiota do PIS com um boboca e manda que seus empregados reclamem na justiça a diferença do FGTS, pago a menor, por ocasião da aposentadoria numa clara e deslavada manobra para ganhar tempo em relação a um direito que já era garantido a ex-funcionário, como é óbvio. Ou oferecendo em garantia de dívida na Justiça de imóvel que nem é seu!!!

Enquanto isso, a FENAE lança uma revista megalomaníaca e milionária - num acinte ao economiário ativo e aposentado - completamente divorciada da realidade da classe economiária (nome que alguns cutistas adoram). Uma revista que se não fosse escrita e editada, ninguém notaria, pela sua inutilidade e, portanto, melhor seria se não fosse editada.

Jober Pereira Rocha
Belo Horizonte (MG)

NR - *Acusamos o recebimento das críticas feitas à FENAE AGORA. É através da contribuição dos empregados da Caixa e da sociedade em geral que poderemos melhorar cada vez mais. Cabe uma explicação, pois acreditamos que o leitor não entendeu o objetivo da revista. Antes, entretanto, é preciso compreender que o mundo mudou, e muito. Os empregados da Caixa, com alto índice de escolaridade e de informação, sabem disso e vivem essas mudanças. À FENAE cabe acompanhar esse mundo e procurar interceder em favor dos empregados da Caixa e dos trabalhadores em geral. Ressaltamos que a nomenclatura correta é empregados, direito conquistado em 1986 com a sindicalização à categoria bancária e com a jornada de seis horas. As históricas lutas dos empregados não podem ser esquecidas e desprezadas por aqueles que as construíram.*

Discutir a política, a economia, o parlamento e todo o jogo do poder, de uma forma aberta, defendendo os interesses dos trabalhadores, tem sido o papel da FENAE AGORA. Entretanto, a revista vai mais longe: aponta as necessidades da preservação do meio ambiente, da valorização da vida, da proteção às classes menos favorecidas. Daí o papel da revista, que não se furta de apontar perspectivas de lazer e cultura. Este também é um dos papéis das APCEFs e da própria FENAE.

Gostaríamos ainda de discutir a tese de "uma revista megalomaníaca e milionária... que se não fosse escrita e editada ninguém notaria. Notaria sim, pois nunca a FENAE recebeu tantas sugestões e correspondências dos empregados ativos e aposentados, de parlamentares, ONGs etc. Quanto ao custo e qualidade da edição, acreditamos ser esta revista uma tentativa de acompanhar o alto nível dos empregados da Caixa, que não merecem matérias de pouca qualidade, mas sim o melhor que suas entidades possam fazer, o que é o nosso esforço.

Síntese

Reporto-me ao artigo "Pérolas apesar da crise" da FENAE AGORA (edição n° 12), assinado por Tári\ de Souza, que tão bem sintetizou o bom desempenho da MPB em 1998. Gostaria, no entanto, de acrescentará lista do ilustre jornalista o mais recente trabalho de Pereira da Viola, "Viola cósmica". Trata-se de uma pérola da nossa boa música da tara.

Donizete Giusepp Alves Rosa
Belo Horizonte (MG)

Educação

Apreciei muito a matéria da FENAE AGORA sobre os diferentes modelos educacionais (tal como o construtivismo) e os desafios para o ensino público.

Apenas a título de comparação, existem 29 universidades índias nos Estados Unidos, com 16 mil alunos. A primeira abriu no Arizona, em 1968. "Essa é uma das mais maravilhosas revoluções na nação indígena - o direito de educar segundo os nossos próprios destinos", disse o dr. David Gipp, da Comissão de Educação Superior dos índios Americanos.

Ao ler a matéria da revista da FENAE, lembrei-me de um artigo que li sobre outro método, pouco discutido no Brasil: o ensino em casa.

Carlos Siqueira
Rio de Janeiro (RJ)

A seção "Dos Leitores" ê o espaço de opinião do leitor. FENAE AGORA se reserva o direito de resumir as cartas, sem prejuízo do conteúdo. As correspondências devem ser devidamente identificadas (assinatura e endereço).

A obra da elite

Janio de Freitas

O segundo governo de Fernando Henrique Cardoso ainda não tem um mês, quando escrevo esta página. E, no entanto, só lhe resta o apoio dos seus aliados profissionais. O fernandismo espontâneo dos últimos quatro para cinco anos tem hoje a forma de uma salada venenosa, com temor do futuro, indignação mal contida, arrependimentos vários e uma enorme perplexidade.

O que aconteceu, porém , não é mais do que o desdobramento lógico do que foi feito e não foi feito nos anos de mais entusiasmo do fernandismo. Neste período, os meios de comunicação e o empresariado influente não se limitaram a aplaudir Fernando Henrique e seu governo sem qualquer restrição relevante. Foram o seu verdadeiro esteio, aceitando todo o comportamento antidemocrático que submeteu o Congresso, por aquisição, às conveniências pessoais do futuro candidato à reeleição, em detrimento das conveniências nacionais.

Se a protelação das reformas fiscal, tributária, política e administrativa fosse contrária aos interesses do empresariado influente e dos meios de comunicação, o esteio dado a Fernando Henrique teria justificação estratégica. Mas tais reformas só trariam benefícios à classe dominante. Mesmo que a reforma tributária atingisse um pouco o paraíso da sonegação, isso seria compensado pela maior eficácia do Estado, com menor custo da sua máquina, e pela redução da onerosa inoperosidade da vida política.

Nas causas da crise em que o Brasil foi metido não se separam as responsabilidades de Fernando Henrique e do seu esteio. Ele, levado pela ambição. E os meios de comunicação e o empresariado influente, o que os levou à contradição de dar esteio ao que resultaria, fatalmente, na crise? Foi, ou é, o primarismo da elite brasileira. Inculta, despreparada, com muito poucas figuras de inteligência reconhecível, não enxerga mais de um palmo além do rosto. E assim mesmo, se estiver de óculos fortes.

O Brasil não foge à regra de que todo país é o retrato de sua elite. Este país carcomido pela corrupção, pelos desgovernos, pela concentração da renda, pelo convívio com a miséria sempre crescente, este país que vive de crise em crise de incompetência ê obra da sua elite.

Correção: naquela piada, não é o povinho, mas a elite que Deus cita - "O país é lindo e rico, sim, mas vocês vão ver a elite que Eu porei nele". E o resto do mundo se tranquilizou e desde então teve de quem rir e a quem explorar.

Janio de Freitas, jornalista.

"O maior patrimôni

Emílio Carazzai assume a presidência, elogia empregados e ressalta que a Caixa tem "

O novo presidente da Caixa Econômica Federal, Emílio Carazzai, considera que qualquer definição relacionada ao assunto privatização na empresa está na dependência de "diretrizes estratégicas do governo". Esta sua posição foi manifestada durante entrevista concedida logo após ter tomado posse no cargo, no dia 21 de janeiro último.

"Sei dizer apenas que a Caixa tem a maior extensão não-privatizável entre as empresas públicas", completou Carazzai - com a serenidade demonstrada contrastando com a pouca objetividade na abordagem de assunto tão relevante para a empresa.

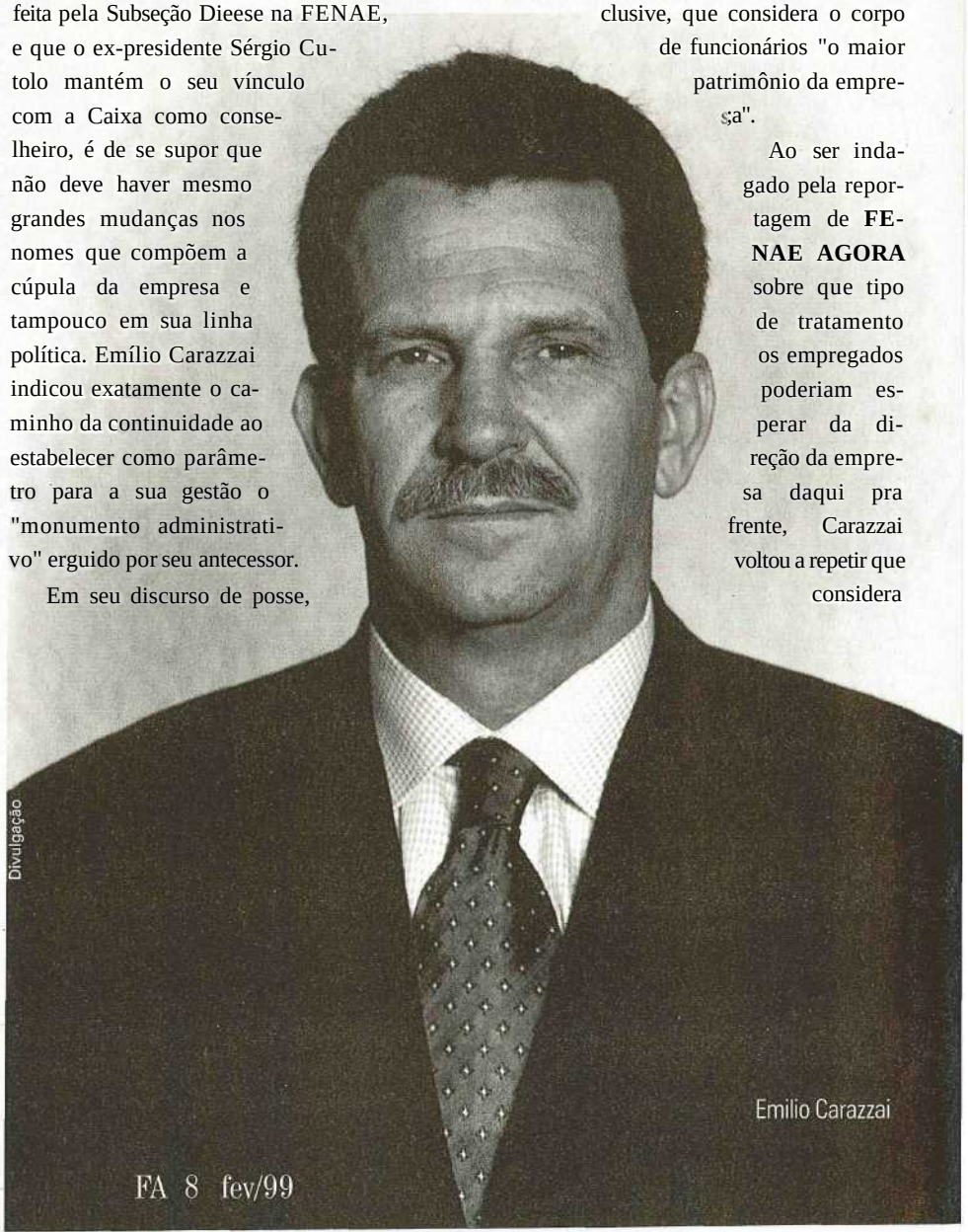
O possível interesse do governo em privatizar a Petrobras, o Banco do Brasil e a Caixa Econômica Federal, para fazer frente ao agravamento da crise econômica, havia sido cogitado por uma colunista da Folha de São Paulo, tendo a idéia merecido apoio em editorial do mesmo jornal, no dia 24 de janeiro. Em seguida, foi veiculada a posição do banco americano Goldman Sachs, de investimentos, segundo a qual a privatização dessas três empresas seria uma "medida de grande impacto" para a recuperação da credibilidade do Brasil junto a "investidores" internacionais.

Depois de uma dura queda de braços entre integrantes do governo em torno de sua indicação, o novo presidente da Caixa chegou sozinho para assumir o cargo. E disse que ninguém mais virá para a diretoria. Segundo informou Carazzai, ele próprio propôs a manutenção dos atuais diretores ao Conselho de Administração, que, a rigor, é quem define a diretoria.

Levando-se em conta que logo após a mudança na presidência os poderes e atribuições do Conselho de Administração foram ampliados, com o poder do presidente ficando menor e mais subordinado ao controle do próprio conselho, conforme análise feita pela Subseção Dieese na FENAE, e que o ex-presidente Sérgio Cutolo mantém o seu vínculo com a Caixa como conselheiro, é de se supor que não deve haver mesmo grandes mudanças nos nomes que compõem a cúpula da empresa e tampouco em sua linha política. Emílio Carazzai indicou exatamente o caminho da continuidade ao estabelecer como parâmetro para a sua gestão o "monumento administrativo" erguido por seu antecessor.

Em seu discurso de posse, ele disse que espera contar com o empenho de diretores e diretoras da Caixa, bem como com a dedicação e empenho do corpo de funcionários, para o cumprimento das diretrizes do governo FHC e para a abertura das "frentes" em que pretende atuar. Disse, inclusive, que considera o corpo de funcionários "o maior patrimônio da empresa".

Ao ser indagado pela reportagem de **FENAE AGORA** sobre que tipo de tratamento os empregados poderiam esperar da direção da empresa daqui pra frente, Carazzai voltou a repetir que considera



Divulgação

Emilio Carazzai

o da Caixa"

maior extensão não-privatizável das empresas públicas"

como principal ativo de uma empresa de serviços "o capital intelectual do seu quadro de funcionários". Mas em relação a questões objetivas como recomposição salarial, horas extras realizadas e não pagas, problemas no PCC e no PRX, entre outros, o novo presidente demonstrou certo alheamento. Afirmou apenas que tais assuntos haviam sido levados a ele, mas que, "nada obstante a importância deles", não tivera "tempo físico" para analisá-los com o diretor da área.

> Os recursos para este ano serão maiores que os de 1998
> FA

Desde o momento em que foi confirmada a nomeação de Emílio Carazzai para a presidência da Caixa, a Comissão Executiva dos Empregados (CEE/CEF) vinha buscando uma audiência para tratar das questões de interesse dos bancários. No dia da posse, o coordenador da comissão de negociação da Caixa, Paulo Patay, foi novamente acionado para marcar uma reunião com o presidente, visando reabrir as negociações acerca do acordo coletivo de trabalho.

Para fazer frente aos problemas causados pela crise econômica, o presidente da Caixa anunciou o lançamento de "um novo programa com dispositivos que farão reduzir o nível de inadimplência atual, de forma que a empresa venha a ter mais liqüidez, mais fundos a serem reaplicados no setor imobiliário no país". Segundo Carazzai, o programa tem sido chamado internamente de Programa de Reciclagem de Ativos, "com atrativos importantes para o mutuário poder, efetivamente, liquidar o seu contrato". Ele não soube precisar o nível atual de inadimplência na Caixa. Lembrou apenas que a média, no país, é de 20%. Quanto ao montante de recursos previstos para investimentos em habitação, em 1999, disse que as verbas serão definidas em função da política governamental e de diretrizes do Ministério da Fazenda. 'A única coisa que eu posso assegurar é que, por conta desse trabalho que vem sendo feito na Caixa, de recuperação da instituição como um todo, os recursos para 1999 serão maiores do que os de 1998".

Submissão e autoritarismo: as marcas de uma gestão(?)

Saudades, propriamente, a gestão Sérgio Cutolo não vai deixar na Caixa Econômica Federal. Muito pelo contrário. Os três longos anos de sua administração foram marcados por doses de autoritarismo no tocante ao quadro de pessoal da empresa e por iniciativas de submissão descabida, quando em jogo estavam as razões de Estado do governo federal.

Talvez como nenhuma outra, a gestão Cutolo foi a que mais prejuízos causou aos interesses dos empregados da Caixa. Prova disso foram medidas como demissão de mais de 10 mil trabalhadores, tentativa de reduzir direitos (estabilidade no emprego), congelamento de salários, reestruturação de unidades, fim do cargo de diretor representante, desrespeito à jornada de seis horas (com não-pagamento das horas extras pendentes) e implantação unilateral do Programa de Remuneração por Resultados (PRX).

Se com os empregados e seus representantes a falta de diálogo foi a tônica, o mesmo já não aconteceu quanto ao outro lado da moeda. Durante o período em que esteve no comando da Caixa, a gestão Cutolo foi a síntese da contradição entre o esperado e o constatado. Reiteradas vezes a empresa liberou dinheiro com o objetivo de facilitar - em nível de Congresso Nacional - a aprovação de projetos como o da reeleição de Fernando Henrique Cardoso, reforma da Previdência, Proer e tantos outros.

Foram erros como esse que conduziram a Caixa a uma nau sem rumo. O futuro da empresa continua indefinido. Não por falta de esforço de quem a vem construindo com trabalho e dedicação, mas sim por uma política de governo que não leva em conta a necessidade da empresa se sintonizar com os desafios sociais do Brasil.

Reforma que não interessa

Um remédio para todas as disfunções e crises de um mesmo paciente. Um milagre, mas que nunca se realiza, para desespero do moribundo. Assim tem sido a idéia de se realizar uma reforma tributária no país: promessa tanto de cura para as mazelas provocadas pela má distribuição de renda como de solução para as situações de crise econômica.

A reforma tributária sempre apareceu entre as prioridades para o país. Entra governo, sai governo, ela está sempre lá, no rol de assuntos a serem discutidos no âmbito do Congresso e na sociedade, como costuma-se dizer durante as campanhas eleitorais. O governo de Fernando Henrique Cardoso, por exemplo, levou ao Congresso, em setembro de 1995, a proposta de emenda constitucional (PEC) 175/95. Desde então, outras nove emendas alternativas foram apresentadas à Comissão Especial de Reforma do Sistema Tributário, criada na Camara Federal.

> A falta de consenso atrasa a reforma tributária
> FA

Segundo o ex-deputado Paulo Lustosa (PMDB-CE), que presidiu a comissão especial até 31 de janeiro último, "entendia-se que a estrutura impositiva do sistema tributário era arcaica para as necessidades de modernização do país, que necessita integrar-se competitivamente na economia global".

O projeto inicial da reforma foi elaborado pela equipe técnica do Ministério do Planejamento e Orçamento e ficou em debate na comissão especial por mais de dois anos. Mas, enquanto os parlamentares se dedicavam a reuniões e audiências públicas, o governo introduziu algumas alterações ao corpo da legislação, visando ampliar a sua capacidade de arrecadação ou buscando resolver algum problema da conjuntura econômica. No primeiro caso pode-se citar o Fundo de Estabilização Fiscal (FEF) e a CPMF; no segundo, a isenção das exportações, conhecida como Lei Kandir, e o

Claus C. Meyer

Simples. Como nesse período a receita não parou de crescer, o governo recuou, deixando transparecer a idéia de que, na sua visão, o problema tributário pode ser traduzido apenas por baixa arrecadação.

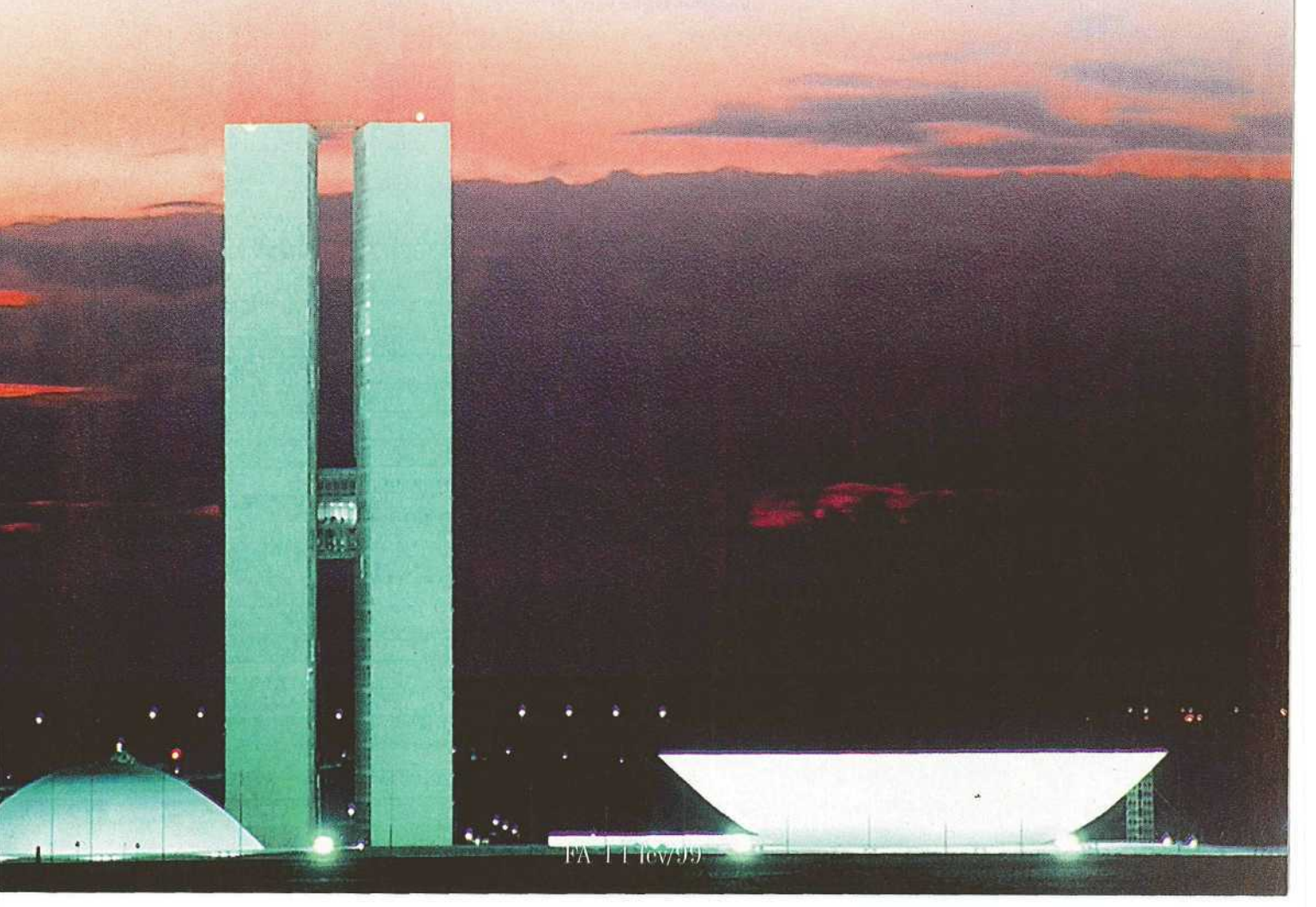
Na avaliação de Paulo Lustosa, não só empalideceu-se o interesse do governo pelo reordenamento tributário - por estar satisfeito com o desempenho da arrecadação - como também acomodaram-se os empresários com a isenção de ICMS para as exportações, com a implantação do Simples e a manutenção de instrumentos e mecanismos de renúncia fiscal.

O governo só voltou à carga com a idéia da reforma tributária em setembro de 1997, quando sinalizou o interesse em alterar o mérito do projeto por ele apresentado dois anos antes. Mas a explicitação da nova proposta ocorreu apenas em novembro do ano passado, quando o ministro da Fazenda, Pedro Malan, e o secretário executivo da pasta, Pedro Parente, estiveram na comissão especial da Câmara para expor o que chamaram de "linhas básicas de uma proposta de reforma tributária e fiscal adequada ao país no século 21". Contrastando com a postura observada dentro do governo, de postergação da reforma, Pedro Parente procura agora demonstrar um outro nível de interesse, dizendo que "a reforma tributária é um tema recorrente no Brasil porque a estrutura tributária do país é obsoleta, prejudica a produtividade, é demasiado complexa e induz à sonegação".

Obstáculos

Para o deputado João Fassarella (PT-MG), da comissão especial que trata do assunto, o maior obstáculo à reforma tributária, antes de qualquer coisa, tem sido a falta de consenso entre a União, os empresários e os estados e municípios, dada a diversidade de interesses em jogo. Segundo ele, a União só tem interesse em uma reforma sem redução da carga tributária, conforme demonstram as medidas que tem tomado, utilizando-se de legislação infraconstitucional para aumentar a arrecadação, como no caso da recente elevação de alíquotas para a CPMF e o Cofins. Os empresários, por sua vez, reclamam do que costumam chamar de "custo Brasil", impostos e contribuições que recaem sobre o setor produtivo. Defendem a redução da carga tributária, em nome da competitividade. Brigam ainda pela simplificação do sistema, um outro caminho para a redução do peso dos tributos. Já os estados e municípios podem manifestar posições diferenciadas entre si, já que uns podem sair perdendo e outros ganhando conforme a reforma que se pretenda realizar.

Na avaliação de Fassarella, a proposta que o Ministério da Fazenda apresentou recentemente aprofunda o caráter centralizador da União na arrecadação e no controle sobre os recursos. Segundo ele, não são sequer definidas regras claras de repartição do resultado dos tributos, o que representa mais um problema para o já frágil pacto federativo. Além disso seriam ainda mais prejudicados os estados e municípios que mais produzem, na medida que a tributação passaria a se dar no local de destino do produto e não mais no local em que é produzido. "Ficaria comprometida também a autonomia dos estados para o estabelecimento de políticas de desenvolvimento com formas próprias de tributação", destacou.



Exatamente por entender que a relação entre os estados e a União foi distorcida pela "recentralização dos recursos na União e o descarregamento de compromissos para estados e municípios dilapidados", conforme vem frisando o governador do Rio Grande do Sul, Olívio Dutra (PT), é que os governadores de oposição apontam a necessidade de recomposição do pacto federativo. Defendem também uma reforma tributária e fiscal que conte com a participação da sociedade e de representantes da União, dos estados e dos municípios no debate acerca de um "sistema compatível com as expectativas da Nação".

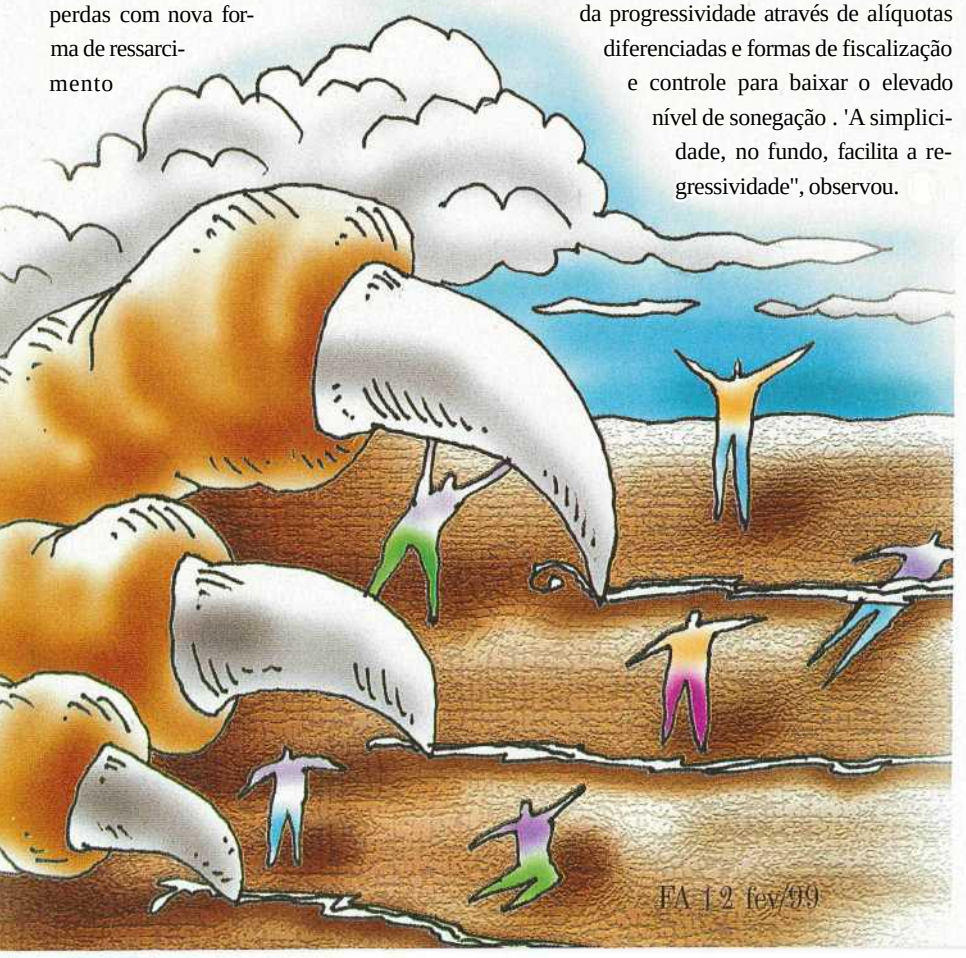
Governadores e prefeitos têm se deparado com a perda de recursos provocada por iniciativas do governo federal, como o FEF, a Lei Kandir, o Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Fundamental e de Valorização do Magistério (Fundei) e a renúncia fiscal pela União (principalmente Imposto de Renda e IPI). Os levantamentos indicam que, em 97, os municípios chegaram a perder R$ 4,3 bilhões de receita, isso sem levar em conta o impacto do Fundef

O vice-governador do Rio Grande do Sul, Miguel Rosseto, apresentou durante o seu mandato de deputado federal um projeto de lei que procura eliminar essas perdas com nova forma de ressarcimento aos estados e municípios. Para formular sua proposta, Rosseto diz ter partido do entendimento de que o governo está aprofundando os problemas através da ampliação da estrutura indireta de tributação e da reconcentração das receitas. Conforme vinha alertando na Câmara Federal, "a Lei Kandir e o FEF são provas de que o governo federal não está preocupado com a distribuição justa de recursos".

Regressividade

O deputado João Fassarella entende que a proposta do governo é centrada em impostos indiretos e caminha no sentido da regressividade, o que significa que os que têm menos acabam pagando mais. A reforma pretendida por seu partido, segundo explica, vai na direção contrária, é centrada nos impostos diretos e visam a progressividade. "Propomos aumentar a carga tributária, de forma progressiva, para as rendas e propriedades (quem tem mais paga mais), bem como a taxação das grandes fortunas".

O parlamentar considera que a progressividade do sistema não se coaduna com a simplificação defendida pelo empresariado. A seu ver, um sistema de tributação justo requer maior complexidade na medida que exige maior detalhamento, como no caso de ampliação do número de faixas, estabelecimento da progressividade através de alíquotas diferenciadas e formas de fiscalização e controle para baixar o elevado nível de sonegação . 'A simplicidade, no fundo, facilita a regressividade", observou.



FA 12 fev/99

PERDAS DOS ESTA

FEF e LEI KANDIR - *novembr*

(Em R$

UF	Perdas decorrentes da **Lei Kandir** nov. 1996 a dez. 1997
AC	4,9
AL	47,9
AP	13,9
AM	34,0
BA	17,3
CE	65,9
DF	47,4
ES	88,1
GO	73,3
MA	45,2
MT	-22,7
MS	-25,0
MG	258,1
PA	18,4
PB	14,8
PR	68,1
PE	81,2
PI	10,9
RN	21,2
RS	247,3
RJ	-31,6
RO	14,6
RR	2,2
SC	55,3
SP	834,3
SE	14,7
TO	4,6
TOTAL	2.004,6

Fontes: STN / SIAFI /Relatório Execução Or

Valores do Anexo da LC nº 87/96 me

Perdas distribuídas proporcionalmen

Elaboração: Assessoria do PT na Câm

...OS E MUNICÍPIOS

...de 1996 a dezembro de 1997

...milhões)

Perdas decorrentes do FEF jan. 1997 a dez. 1997	Perdas totais
32,0	36,9
51,4	99,3
30,9	44,8
32,7	66,7
144,0	161,3
99,6	165,6
7,9	55,3
25,7	113,8
51,2	124,6
90,1	135,3
33,3	10,6
22,5	-2,5
135,0	393,1
77,4	95,9
63,8	78,6
75,0	143,1
95,1	176,4
54,2	65,1
52,8	74,0
70,7	318,0
35,8	4,3
29,4	44,0
22,4	24,6
39,8	95,2
108,1	942,4
44,5	59,2
47,1	51,8
1.572,6	3.577,2

...entária CF art. 165 / Prodasen / AOFF-CD

...valores distribuídos aos estados

...s índices do FPE / FPM

...dos Deputados.

Governo propõe reforma inefica z

Oposição critica projeto do Ministério da Fazenda que não altera caráter injusto do sistema tributário

De acordo com a exposição feita na comissão especial da Câmara pelo secretário executivo do Ministério da Fazenda, Pedro Parente, a nova proposta de reforma tributária do governo extingue o ICMS em seu formato atual. Fica mantida apenas a denominação de Imposto sobre Circulação de Bens, Mercadorias e Serviços. Segundo ele, o objetivo da preservação do nome é "aproveitar uma jurisprudência já consolidada e evitar que uma nova denominação viesse a suscitar ou repetir discussões já vencidas no âmbito do Poder Judiciário".

Somente os empresários apóiam o projeto do governo

FA

Para o ministro Pedro Malan, "a nossa legislação do ICMS é como se tivéssemos 27 legislações diferentes", uma para cada estado, com alíquotas que variam de 0 a 25% e diferentes bases de incidência do imposto, num "complexo sistema de tributação intra e interestaduais que se presta a todo tipo de sonegação fiscal".

A proposta extingue também o IPI, que se incorpora ao ICMS, e ainda o ISS, Cofins e PIS/Pasep. Cria um imposto de esfera estadual incidente sobre a venda de alguns produtos, como fumo, bebidas, telecomunicações, energia e combustíveis. O IR é mantido com alíquotas ajustadas. A CPMF é substituída pelo Imposto sobre Movimentações Financeiras.

Para a oposição, essa nova proposta mantém os problemas básicos do atual sistema tributário. O entendimento é de que uma verdadeira reforma deve atacar, ao mesmo tempo, a evasão fiscal, impedir a renúncia fiscal dos estados, garantir uma estrutura progressiva do imposto, preservar as receitas públicas e democratizar o controle dos gastos do governo.

Do ponto de vista do Partido dos Trabalhadores, "a mais importante razão para a reforma tributária no país consiste no caráter regressivo - portanto socialmente injusto - do sistema tributário". E esse é outro aspecto que, segundo os críticos do governo, não foi observado pelo formuladores da proposta do Executivo.

A reforma tributária pensada pelo PT pressupõe, entre outras coisas, a elevação da progressividade do Imposto de Renda da Pessoa Física (IRPF), a instituição do Imposto de Renda Negativo para os setores de baixa renda, a regulamentação do imposto sobre grandes fortunas, a redução das deduções do Imposto de Renda das Pessoas Jurídicas (IRPJ) e a ampliação da progressividade como princípio constitucional.

Na comissão especial da Câmara, o ministro Malan lembrou que o trabalho desenvolvido por sua Pasta, de formulação das linhas básicas de uma reforma tributária, contou com o "decidido apoio do mundo empresarial brasileiro, que, desde o início, percebeu o enorme significado de uma proposta voltada para a simplificação do nosso obsoleto sistema tributário, para a redução de seu grau excessivo de complexidade". O deputado petista João Fassarella vê estreita relação entre a busca da simplificação do sistema e a manutenção de seu caráter regressivo.

Privatização, a falsa saída

Aloysio Biondi

Privatizar a Caixa Econômica Federal, o Banco do Brasil e a Petrobras. A proposta já está no ar, lançada inclusive através dos principais jornais do pais, em editoriais de primeira página "exigindo" medidas bombásticas do governo FHC para reestruturar a economia brasileira. Um programa de reconstrução nacional, depois da devastação causada por quatro anos de política"modernizante" dó sociólogo-presidente, que para tanto contou com o apoio incondicional dos meios de comunicação. A sugestão mostra, acima de tudo, que os aliados de FHC ainda não desistiram da tática escapista, isto é, tentam ignorar as causas verdadeiras da explosão do Real, resultantes do escancaramento ao exterior" e todas as suas consequências. Apontam como "solução" novas privatizações, embora até as crianças saibam, a esta altura, que a venda das estatais brasileiras devorou o patrimônio público inutilmente, incapaz de impedir o aumento brutal do endividamento do setor público, os juros adoidados e a crise incontrolável. Qual a possibilidade dessa sugestão esdrúxula ser acolhida? No caso da Petrobras, somente a mobilização popular poderia impedi-la -pois, na verdade, a "privatização"já está em marcha, com a entrega até das fabulosas jazidas de Campos a "parceiras" estrangeiras - pelo "preço" desavergonhadamente ridículo de 50 mil (é mil, mesmo) a 150 mil reais pela concessão do direito de exploração. Ventos diferentes, porém, sopram para a Caixa Econômica Federal, Banco do Brasil e, mesmo, bancos estaduais de privatização já programada . 0 próprio presidente da República, a esta altura, deve ter aprendido algumas lições com a crise - e chegado à conclusão, prática, de que qualquer programa de reconstrução nacional vai exigir a utilização de instituições financeiras estatais.

Lições da crise

Desde setembro/outubro, os bancos privados - nacionais e estrangeiros -, diante de deterioração dos indicadores da economia, começaram a negar financiamentos para as empresas exportarem. A venda de mercadorias para o exterior, essencial para trazer os dólares de que o Brasil precisava desesperadamente, foi duramente atingida.

As exportações só não sofreram paralisia total porque o governo - e, portanto, o presidente FHC conhece o problema - acionou o BB. Coube ao BB captar dólares no exterior, para financiar os exportadores.

Da mesma forma, coube ao Banco do Brasil vender dólares - como "laranja" do Banco Central - nos mercados tradicionais e nos chamados "futuros", na tentativa de evitar a queda do Real. Um papel - carente de regras claras, pra evitar distorções e favorecimentos - cuja necessidade será ainda maior no período de reconstrução, em que não faltarão fases de grandes oscilações nas cotações do dólar, exigindo intervenções do governo para abrandar manobras especulativas. Isto não é tudo, porém. O presidente FHC certamente não se esquecerá, tampouco, do passa-moleque que os bancos internacionais aplicaram nos governantes brasileiros. Como assim? Em novembro, quando se discutia o acordo com o FMI importantes banqueiros internacionais vieram ao Brasil, e deram como "favas contadas" um pacote de "socorro" também dos seus bancos, privados - isto é, além do apoio acertado com o FMI e países ricos. Esse "apoio", de dezenas de bilhões de dólares, não veio. Pior ainda: ele foi usado como desculpa para os banqueiros internacionais se recusaram a renovar (o que é normal) empréstimos, linhas de crédito à importação e exportação, concedidos a empresas brasileiras.

Ao exigirem o pagamento de todos esses créditos, eles aceleraram a saída, erroneamente denominada "fuga" de dólares, e a crise do Real.

A desvalorização do Real, ao contrário do que economistas dizem, não resolverá automaticamente os problemas da "falta de dólares" que levaram à grande explosão. Não haverá, como esses analistas prevêem aumento automático, em grande volume, nas exportações, nem queda imediata nas importações.

O quadro é de chorar. O Brasil destruiu sua agricultura . De exportador, passou a importador de algodão, milho, arroz, feijão-e, pasme-se, até de coco da Bahia e cacau. O país não produz nem para o seu consumo. Não há "sobra" de produtos agrícolas para exportar. Em todos estes casos, a reconstrução da produção nacional dependerá de uma política firme, e não mero blablablá, de apoio a empresas e produtores locais. Um papel que instituições oficiais, como a Caixa Econômica Federal e bancos estaduais, têm condições de desempenhar, cobrindo a falta de empréstimos dos bancos privados, que certamente estão dispostos a correr ainda menos riscos nessa fase de readaptação da economia. Não é hora de falar em privatizações.

Aloysio Biondi,
jornalista FA

FAÇA O SEGURO DO SEU 4 RODAS
E LEVE + DUAS POR APENAS **R$ 49,90**

PROMOÇÃO BÔNUS BIKE

Nada melhor do que ter uma bicicleta 18 marchas novinha para curtir o fim de semana. Para adquirir a sua por um preço mais que especial, você só precisa fazer um seguro de automóvel da SASSE CAIXA, Informe-se com o seu corretor ou em uma agência da CAIXA.

SASSE CAIXA
SEGUROS

CENTRAL SASSE CAIXA DE ATENDIMENTO: 0800-166383

Um ano de imprensa livre rumo à cidadania

■ *Marcio Sardi*

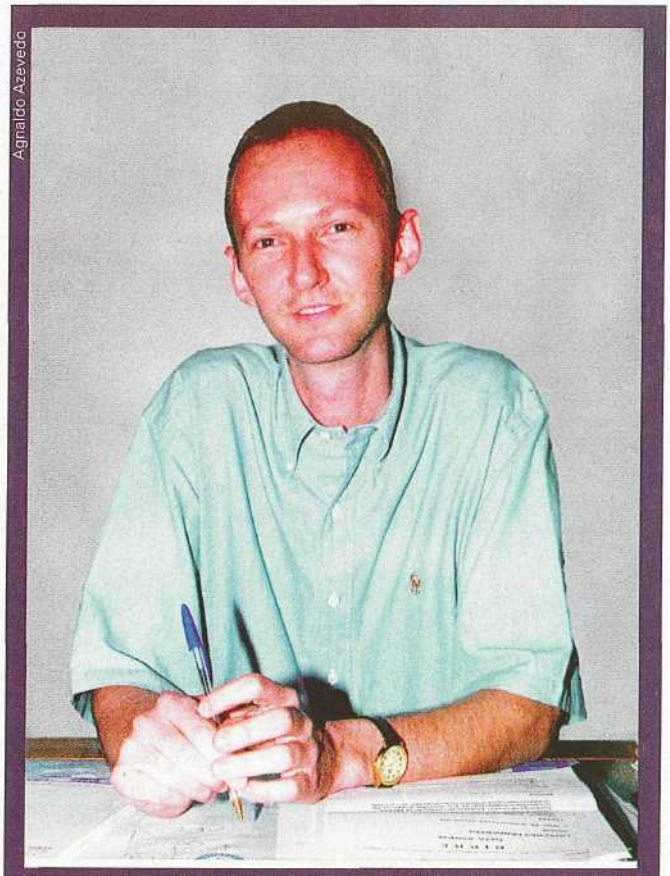
nia

Neste mês a FENAE AGORA *comemora um ano de existência. Desde sua primeira edição, levando aos leitores o debate sobre "Ovnis, a fronteira do desconhecido", a marca registrada desta publicação é a informação livre com a verdade e com a defesa dos interesses dos trabalhadores.*

O apoio que temos recebido dos empregados da Caixa- ativos e aposentados, das associações do pessoal, dos sindicatos, das universidades, das ONGs e dos nossos leitores em geral tem sido fundamental para prosseguirmos com nosso esforço. O resumo deste um ano de luta por cidadania você encontra nas próximas páginas desta edição.

Caser: estamos disse

O presidente da FENAE, Carlos Caser, definiu o objetivo da revista **FENAE AGORA** já no editorial da primeira edição: "O direito da dúvida, o debate, a divergência, são elementos fundamentais na construção da cidadania", disse ele. Hoje, um ano depois, Caser avalia, na seguinte entrevista, o caminho da revista em suas 12 primeiras edições e os desafios que a publicação enfrentou para se consolidar.



O presidente da FENAE, Carlos Caser, ressalta a luta por cidadania

FENAE AGORA - O que a FENAE pretende ao discutir a cidadania?

Carlos Caser - A discussão que considero primordial na revista é a disseminação da informação. Obviamente, não tenho a utopia de achar que as informações são todas isentas, desprovidas de ideologia. Há um esforço muito grande de fomentar a discussão de temas que estão intimamente ligados ao Cotidiano das pessoas, seja no campo econômico, político ou cultural, sob a visão dos trabalhadores. A grande imprensa, com todo o respeito que tenho, não faz isso. Os veículos estão a serviço do grande capital. A revista vem preencher um segmento um pouco restrito, ainda, mas de qualquer forma possibilita que a informação, sob outra ótica, chegue a seus leitores.

FA - A revista conseguiu se consolidar tendo optado por esse encaminhamento diverso?

Caser - Acredito que sim. A revista, com essa visão, está francamente consolidada. Diria mais: a revista é um sucesso. Tenho andado pelos estados e as pessoas elogiam sua qualidade gráfica e, principalmente de conteúdo, nas matérias e artigos assinados. A **FENAE AGORA** conseguiu, plenamente, atingir seus objetivos. Desde o início, sabíamos ao que a revista se propunha. E ela não se desviou disso, os profissionais que a fazem conseguiram mantê-la em seu objetivo.

FA - As pessoas com quem você fala devem indicar também o que está faltando ainda...

Caser - Para ser sincero, não. As pessoas que falam comigo sobre a revista só fazem elogios, não houve nenhum tipo de reparo, nem mesmo à qualidade dos textos ou ao enfoque editorial da revista. É claro que sempre alguém comenta que devem ser feitas matérias sobre determinados assuntos, mas isso, no decorrer do tempo, vai ser abordado com certeza.

FA - A aceitação da revista é reflexo do papel da FENAE?

Caser - A FENAE é uma entidade de defesa e representação dos empregados da Caixa. Na medida em que dispõe de um instrumento democrático, que fomenta a discussão, com formação e informação sob o ponto de vista dos trabalhadores, está cumprindo completamente seus objetivos, preparando e informando as pessoas que representa. Isso é o mais importante e está perfeitamente identificado com o que a FENAE quer: cidadania, informação. As pessoas informadas são as que menos se deixam enganar.

FA - A democratização dos meios de comunicação está na base dos movimentos dos trabalhadores. A **FENAE AGORA** faz parte desse processo?

Caser - Penso que a democratização dos meios de comunicação é uma utopia ainda distante. Analiso este assunto de uma forma diferenciada: que as pessoas saibam exatamente quem banca o que elas estão lendo. Não me venham dizer que jornais e revistas possam defender posições isentas, contrariando seus interesses econômicos ou ideológicos. Mas eles querem nos fazer acreditar que são isentos. O dia em que os trabalhadores tiverem uma revista e puderem escolher entre ela e as publicações comerciais, aí sim poderá haver democracia nos meios.

ninando a informação

Não acredito nisso em veículos meramente comerciais, mantidos por empresas que precisam ter lucro.

Mas quanto à televisão, acho que no futuro teremos mecanismos um pouco mais rígidos de controle social. A televisão caminha célere para um controle por parte da sociedade. Agora, na imprensa escrita sou muito pessimista. Aliás, o ideal seria que as entidades de representação dos trabalhadores caminhem para a unificação nacional das várias publicações, para competir no mercado. E os trabalhadores teriam um referencial de informação. É um sonho, perfeitamente possível.

FA - A FENAE busca a interação do movimento dos empregados da Caixa com o restante da sociedade através da revista?

Caser - A FENAE AGORA também é distribuída a parlamentares, ministérios, governos estaduais, assembléias legislativas, prefeituras de capitais, universidades, sindicatos e organizações não-govemamentais. Através da revista, esse público está, de certa forma, integrado com o que nós estamos produzindo e pensando, com a linha editorial que a revista adota. Vejo a revista também como uma manifestação cultural relevante. É uma entidade de trabalhadores que contribui para disseminar a informação, a partir do momento em que se disponibiliza a revista em bibliotecas, nos poderes, sindicatos.

FA - Conte um pouco sobre o processo de implantação da revista...

Caser - Desde o início da atual gestão, em 1996, tínhamos em mente a perspectiva de criação de uma revista. Sempre houve um projeto que definia o papel de cada uma das publicações da FENAE. Por diversas razões, desde a questão financeira até a falta de estrutura, o projeto veio sendo adiado. Quando conseguimos montar a estrutura, a equipe de jornalistas, a revista pôde vir à luz. Fomos bem-sucedidos. A **FENAE AGORA** foi a resposta à necessidade de expandir o espectro de assuntos tratados nas demais publicações da Federação, para levar o debate além dos temas tratados cotidianamente.

FA - A partir de agora, o que o leitor pode esperar da **FENAE AGORA?**

Caser - Sou um pouco suspeito, porque deixo a FENAE no dia 30 de abril, para que uma nova direção assuma. Espero que, independentemente das pessoas que venham a assumir a Federação, o rumo editorial da revista não mude. É um desejo de presidente da FENAE mas também de leitor, porque, obviamente, não vou me afastar dos assuntos que dizem respeito à Caixa e ao movimento dos empregados. Não posso estar prevendo o rumo que a revista vai seguir a partir de agora, mas espero que ela aprofunde ainda mais a discussão dos assuntos que hoje faz. E fica uma sugestão à nova diretoria: que a **FENAE AGORA** seja a revista a serviço dos trabalhadores, da Caixa e da sociedade em geral. A revista deve continuar nesse rumo, discutindo abertamente e sem preconceito de ouvir opiniões diversas. A isenção não existe. A FENAE defende os trabalhadores da Caixa, e a **FENAE AGORA** não poderia ser diferente. Se a revista caminhar nessa linha plural, terá vida longa.

"A revista diz a verdade, principalmente sobre a política atual. Fico aguardando, todo mês, que ela chegue à minha casa."

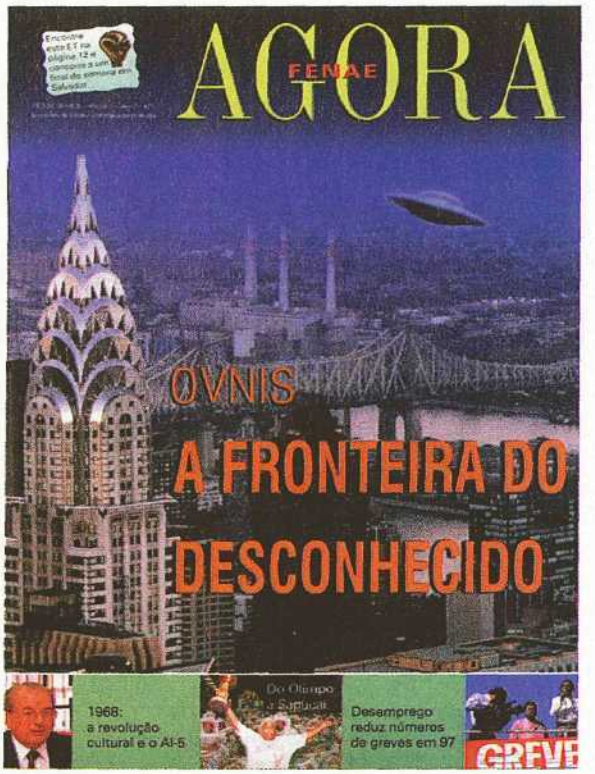
José Eduardo Sobreira
Empregado da Caixa em
São Carlos (SP)

"Ao longo de 26 anos de empresa, tenho algumas histórias para contar. E, pela revista, voltei a ter notícias de um ex-colega de meus primeiros tempos de Caixa, que escreveu uma carta para a revista. A FENAE AGORA é interessante não somente para os empregados, mas para o público em geral."

Fernando Egypto Bezerra
Empregado da Caixa em
Petrópolis (RJ)

Edição nº 1 - Fevereiro de 1998

Não são fáceis as tentativas de compreender o desconhecido, e a matéria de capa da primeira edição buscava explicar o assombramento em relação ao que é novo. É o caso da ufologia, através da qual milhares de pessoas se dedicam a encontrar evidências de que os extraterrestres estão entre nós.



A ufologia moderna, que reivindica o status de ciência, tem como marco o caso Roswell. Em junho de 1947, restos de um objeto voador não-identificado (Ovni) foram encontrados numa fazenda do estado do Novo México, Estados Unidos. O governo americano se apressou em desmentir o caso e destruir suas evidências. As tentativas de esconder a realidade têm levado ufólogos do mundo inteiro a cobrar do governo dos EUA e de outras nações a abertura dos arquivos secretos sobre os contatos imediatos.

Mas são muito maiores os mistérios que rondam os relatos sobre as aparições de seres extraterrestres em nosso planeta. Segundo Claudeir Covo, presidente do Instituto Nacional de Investigação de Fenômenos Aeroespaciais, o fenômeno de discos voadores na Terra é mais antigo que a própria humanidade.

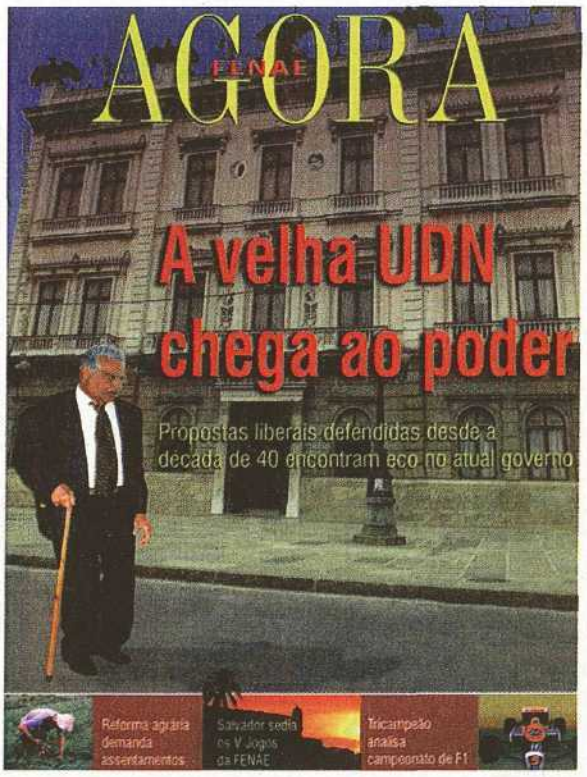
De 1968 a Joao Pessoa

Mesmo 30 anos depois, ninguém ainda se arriscou a afirmar porque 1968 condensou tanta efervescência cultural e política. O ano que não terminou, nas palavras do jornalista Zuenir Ventura, assistiu aos protestos de estudantes franceses contra a autoridade estabelecida e às manifestações reprimidas violentamente nos países do terceiro mundo. Enquanto isso, nos Estados Unidos, que continuavam em guerra contra o Vietnã, morriam Martin Luther King e Bob Kennedy.

A resistência ao golpe que derrubou João Goulart quatro anos antes começou entre estudantes e intelectuais. Somente extrapolou esses segmentos após a morte, pela polícia, de um estudante na então Guanabara. A sociedade caminhou na passeata dos 100 mil, último sopro democrático antes da decretação do AI-5.

No Brasil atual, música e turismo se misturaram em João Pessoa, sede em março do VI Festival de Música dos Empregados da Caixa Econômica Federal (Fenec). O músico da terra Vital Farias contou que a capital paraibana tem muitas atrações, mas também enfrenta desafios sociais e econômicos.

E como turismo e férias não rimam com lixo, nada melhor do que conhecer um pouco mais sobre a ética do mínimo impacto ambiental: "não tire nada além de fotografias; não deixe nada além de pegadas; não mate nada além do tempo". A preocupação com o ambiente no Brasil, em especial durante o período de férias, ainda engatinha.



Edição n° 2 - Março de 1998

A UDN chegou ao poder 50 anos depois, carregada por um sociólogo social-democrata. A modernidade do professor Fernando Henrique Cardoso é antiga, segundo explicava a capa da edição: vem dos maiores pensadores do liberalismo. As mesmas idéias pregadas pelo atual governo se repetiram ao longo da história. Ora como drama, ora como tragédia.

No Brasil, o pensamento liberal foi muito bem representado pela União Democrática Nacional, elitista, aliada das pregações do Fundo Monetário Internacional (FMI) e amiga dos americanos, ícone de uma tradição conservadora e autoritária. Isso aconteceu 50 anos antes da ascensão ao poder do PSDB, que nasceu com ideologia oposta à liberal.

Hoje, os tucanos adotam o pragmatismo udenista, exemplificado pela sua política de alianças. Se o PSDB abriga políticos oriundos da Arena, PFL, PRN e outros, a UDN também inchou-se na década de 40, para se aproximar do poder.

Dieese X IBGE

De acordo com a metodologia dos institutos, o desemprego na cidade de São Paulo pode variar de 5% a 14%. A previsão otimista é do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). A realista, do Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Sócio-Econômicos (Dieese).

Para entender a diferença, que esteve na ordem do dia por conta do aumento do desemprego, basta analisar a vida de Edite Regina de Mendes. No início de 98, ela parou de procurar ocupação, para não gastar dinheiro com ônibus em pesquisas infrutíferas. Resultado: para o Dieese, Edite está classificada no desemprego oculto pelo desalento. Para o IBGE, é inativa.

Já seu marido, Pedro Sena Filho, de vez em quando vende coco em uma feira de Brasília. Para o IBGE, é ocupado. Para o Dieese, está em desemprego oculto pelo trabalho precário.

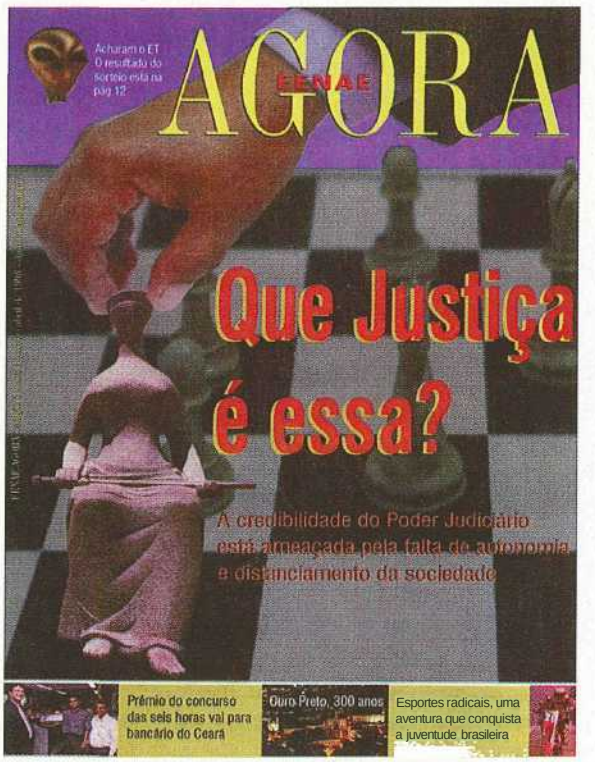
Mesmo preocupado com o fantasma crescente do desemprego, o brasileiro não abre mão de suas preferências. A cachaça está entre elas. Sua origem no país é pouco posterior à chegada dos portugueses. O consumo chega a 20 milhões de litros/ano. Todos os dias, pelos rincões do Brasil, repete-se o ritual de saborear a cachaça, seja a branquinha, seja a curtida em barris ou com ervas e plantas.

> *"Deve ser encontrada uma maneira de provocar mais a leitura. Tenho que chamar a atenção de meus colegas para os artigos do Janio de Freitas e do Aloysio Biondi, de dezembro. Gostei das matérias sobre a UDN, o Plano Real, os destinos da Caixa, carência de água e todas sobre música."*
>
> José Prudente Filho
> Empregado da Caixa em Fortaleza (CE)

> *"Acho interessante a parte de memória, tanto do que aconteceu na Caixa quanto dos personagens históricos. Também leio sempre as matérias de turismo."*
>
> José Maurício Teixeira Pinto
> Empregado da Caixa em
> São Luís (MA)

Edição n° 3 - Março de 1998

O Poder Judiciário vive uma crise de credibilidade que se aprofunda a cada dia que passa. A edição de abril da revista refletiu as preocupações da sociedade que, ao longo de 98, acompanhou decisões equivocadas, submissão ao Executivo e outras mazelas que demonstraram o exercício do Poder Judiciário, em grande parte, pelo presidente da República. A cada dia aumentava a convicção, entre especialistas em direito, magistrados, intelectuais e lideranças da sociedade, de que o Judiciário não tem autonomia.



O Supremo Tribunal Federal (STF), corte máxima da estrutura judiciária do país, não contestou a legitimidade do direito à reeleição obtido por Fernando Henrique Cardoso. Da mesma forma, os juizes maiores também se calaram em relação ao mandato de cinco anos para o ex-presidente José Sarney, no meio da década passada, ou para o confisco da caderneta de poupança, promovido por Fernando Collor em 1990.

Ouro Preto, bossa nova

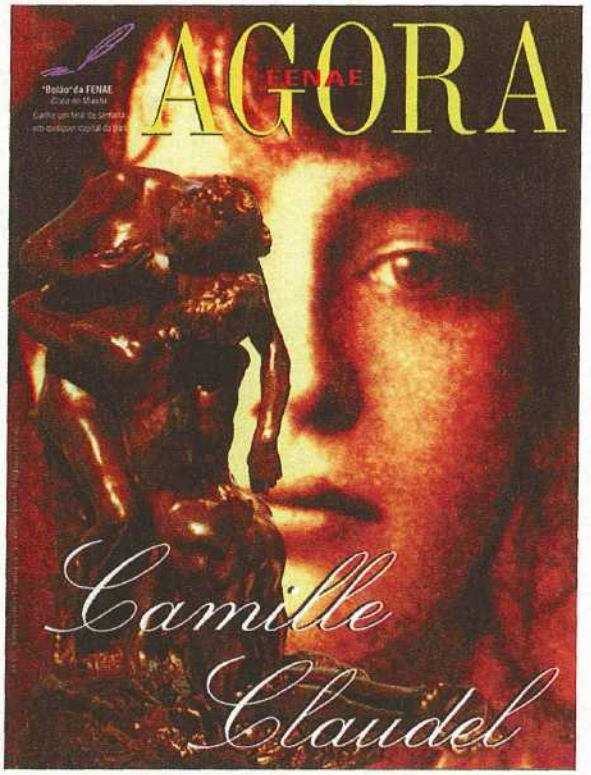
O passado sussurra inconfidências em Ouro Preto, a tricentenária ex-capital mineira. Patrimônio histórico da humanidade, Ouro Preto sofre com o trânsito pesado no centro histórico e com o grande fluxo de estudantes e turistas, que prejudicam a arquitetura colonial.

Terra de Antônio Francisco Lisboa, o Aleijadinho, Ouro Preto nasceu como Vila Rica e justificava o nome por ser o centro do garimpo de ouro na então colônia portuguesa. Já quando o cilco do ouro entrou em decadência, a cidade foi palco da Inconfidência Mineira, que levou Tiradentes à forca e outros conspiradores contra a Coroa ao desterro.

Os tempos de antanho também permanecem nos acordes da bossa nova, segundo conta o colunista Tárik de Souza. Os primeiros sons desse ritmo inovador nasciam em agosto de 1958, quando João Gilberto imortalizou o clássico "Chega de saudade", composição de Tom Jobim e Vinícius de Moraes. O baiano introduziu na música, de mensagem intimista, maneirismos vocais que transformariam a MPB para sempre.

"Como toda transformação radical, a bossa criou polêmicas e plantou desafetos", diz Tárik. Sobrevivente às críticas, gênero brasileiro por excelência, a bossa merece os 40 anos que completou.

Também falam de vida as histórias dos empregados que saíram da Caixa com o plano de demissões voluntárias, executado em 1996 pela CEF. Gente como o cearense José Ribamar A. Lima, que saiu para pagar dívidas e vive hoje com salário mínimo trabalhando na empresa prestadora de serviços de limpeza à própria Caixa. Ou o gaúcho Luís Carlos Camargo, que hoje tem um restaurante e produz marmitas.



Edição n° 4 - Maio de 1998

Inteligente, talentosa, irreverente. Na virada do século XIX, Camille Claudel causou furor em Paris ao abraçar a escultura como profissão. Desde os 17 anos, viveu a tragédia e nos deu a arte, expressão maior que foi retratada na edição de maio através de uma das mulheres mais talentosas da história.

Seu caminho cruzou com o de Auguste Rodin, mestre e amante. Mesmo na moderna Paris da época, a artista sofreu a execração de uma sociedade moralista. Abandonada por Rodin, Camille criou seu próprio mundo e foi incompreendida. Tanto que, aos 50 anos, foi internada pela mãe num asilo para loucos, onde passou os últimos 30 anos de vida sem criar uma obra sequer. O reconhecimento de sua genialidade, tardio, só aconteceu quando Camille havia rompido o fio da *razão*.

É impossível dissociar vida e obra quando se trata de Camille Claudel. A dor e a paixão que corriam em suas veias, sua comoção diante do mundo e da vida, legaram obras como 'A idade madura", 'A onda", 'A valsa" ou 'A tocadora de flauta".

Mercosul e Brasil em Ação

O programa Brasil em Ação deixou de lado projetos sociais para priorizar os demais. No meio de *97*, essas obras já estavam em estado avançado, com 97,25% concluídos. Enquanto isso, as obras sociais tinham apenas 7% completados.

O ex-deputado Paulo Bernardo (PT-PR), funcionário do Banco do Brasil, ironizou o programa, para ele "uma grife para efeitos publicitários". Além da inversão de prioridades, Bernardo considerou que o governo poderia fazer mais caso analisasse o que é fundamental para o desenvolvimento do país.

Também em desenvolvimento pensaram os países das Américas ao marcarem, para 2005, a integração de um mercado de 770 milhões de habitantes. Caso a Área de Livre Comércio das Américas (Alca) se concretize, a Central Única dos Trabalhadores (CUT) defende a participação da sociedade nas discussões sobre a política comercial do governo.

"A revista informa bem, diz quem é FHC. Estou lendo o exemplar sobre a água, cuja edição é muito boa."

José Ferreira "Barão" de Queiroz Neto
Empregado da Caixa em Brasília (DF)

"A economia merece um espaço maior, para ser tratada com a profundidade necessária. É só ver que, em poucos dias, perdemos 9% de nosso salário real. Também poderia haver um canal mais direto para reclamações dos empregados, criando uma rede de troca de idéias."

Gaspar Teles Soares
Empregado da Caixa
em Brasília (DF)

"A revista é uma prestação de serviços de muita utilidade."

Genilson Leite
Assessor de imprensa da
prefeitura de Italva (RJ) e
apresentador da rádio Aliança

Uma linha de produção que reúne vários profissionais

FENAE AGORA

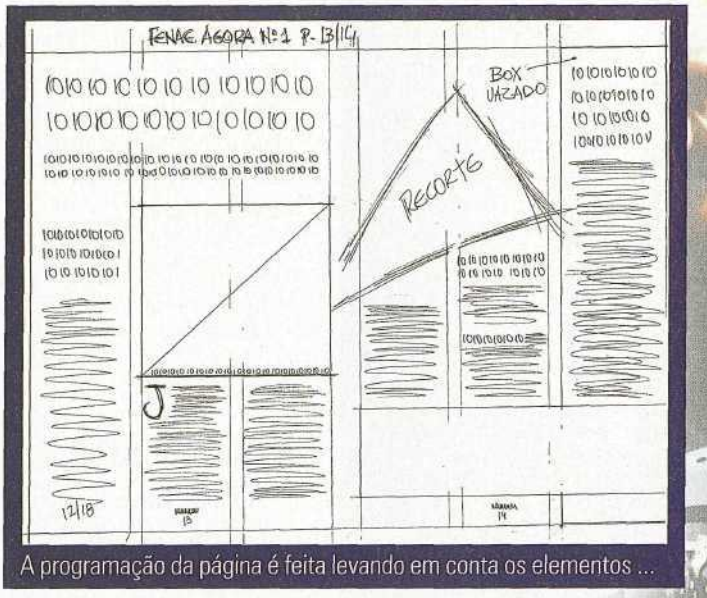
Os números da **FENAE AGORA** que você recebe começam a ser preparados um mês antes que cheguem até suas mãos. Tudo começa com a discussão, pela equipe, dos assuntos a serem abordados.

O editor da revista elabora uma proposta de pauta, que é repassada no início de cada mês aos diretores da FENAE, aos demais jornalistas e também aos assessores que solicitarem. Alguns dias depois, a pauta é discutida, em reunião da imprensa, da qual sempre participa o diretor de Relações do Trabalho da FENAE, João Alberto Garcia Moschkovich, também responsável pela área de imprensa.

Depois de fechada, apresentando um resumo do que as matérias deverão tratar, a pauta é distribuída aos jornalistas, que procuram suas fontes, pesquisam na Internet, entrevistam cidadãos, especialistas e autoridades. De posse dessas informações, as matérias são escritas, seguindo tamanho determinado previamente na pré-diagramação. Nessa etapa é definido o total de páginas que cada matéria vai ocupar, além do espaço para fotos, ilustrações, gráficos, tabelas e outros elementos.

Depois que as matérias e seus elementos gráficos são colocados nas páginas, é feita a edição da revista. A partir daí a redação revisar os textos. Concluída essa etapa o material está pronto para a parte gráfica - fotolito, em Brasília, e impressão, na Gráfica dos Bancários, em São Paulo.

Quando a edição pronta chega de volta à FENAE, para distribuição, já é hora de começar a pensar o próximo número da **FENAE AGORA.**

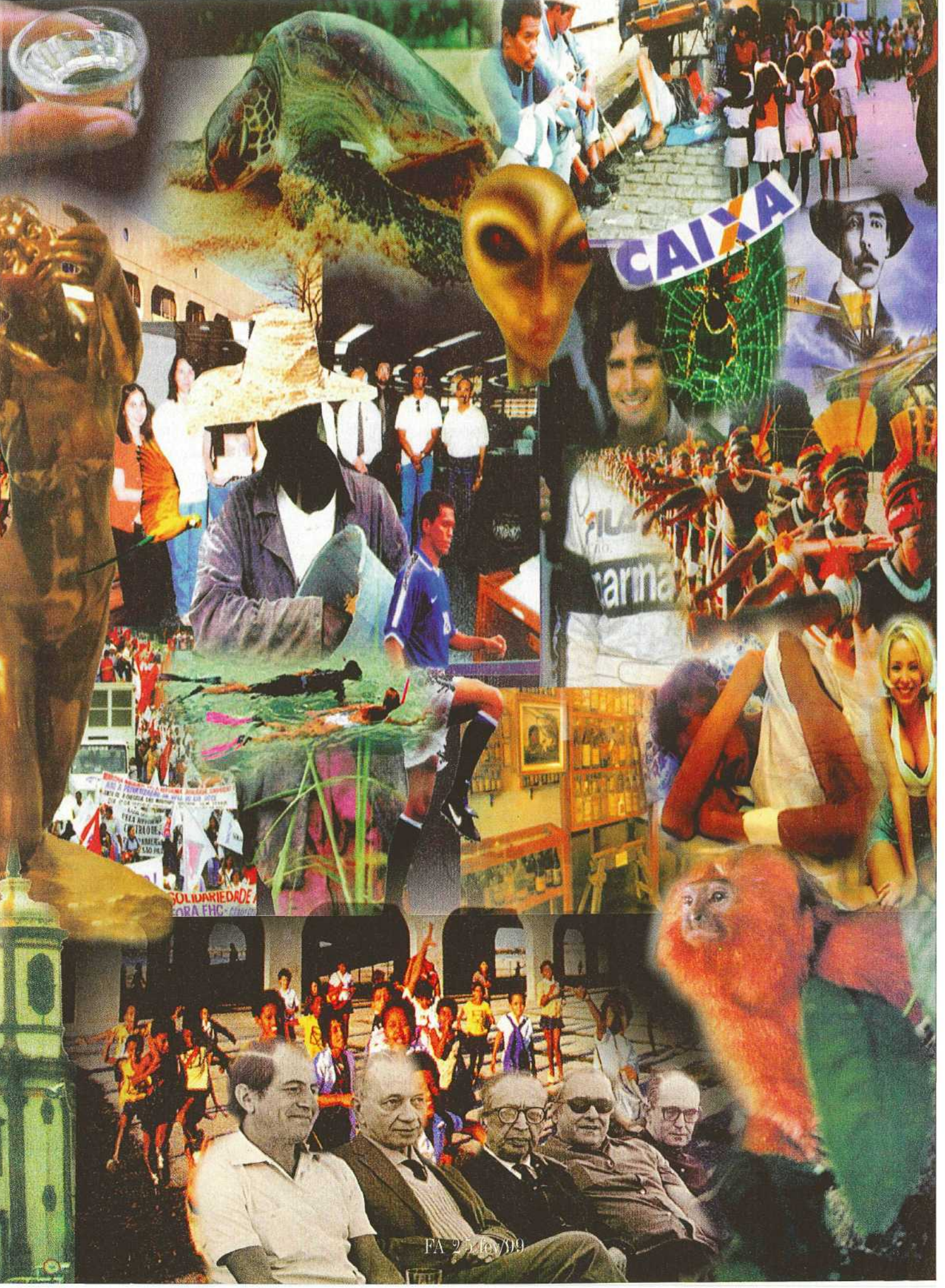


A programação da página é feita levando em conta os elementos ...

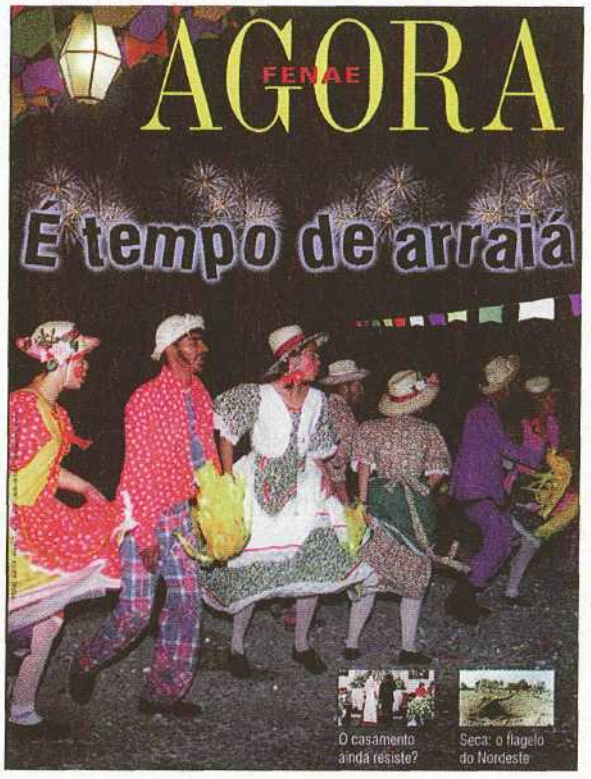
... que serão utilizados, tanto para leitura quanto para as ilustrações

O processo de produção da FENAE A GORA envolve diretores da Federação, jornalistas, colaboradores, gráficos e outras pessoas que trabalham em conjunto, visando levar aos empregados e à sociedade a visão dos trabalhadores sobre a verdadeira cidadania.

FA24fev/99



FA 25/fev/09



Edição nº 5 - Junho de 1998

Viva São João! E também Santo Antônio e São Pedro. O Brasil se transforma num grande arraial já pelo dia 12 de junho, véspera da festa do santo casamenteiro. Palhoças e bandeirolas coloridas enchem as ruas.

A matéria de capa de junho - quando mais? - mostrou as danças, brincadeiras, comidas típicas e fogueiras que completam os ingredientes de uma das maiores festas populares nacionais. E, é claro, não se pode esquecer do casamento caipira e da quadrilha, paródias da vida rural.

A fogueira é o maior símbolo das festas juninas. Nasceu da crença de que um fogo aceso por Maria avisou a São José, então seu noivo, do nascimento de São João Batista, filho dos compadres Isabel e Zacarias.

Feliz de quem mora em lugares onde a lenha é abundante: quanto maior a fogueira, maior o prestígio de quem a preparou. Em muitas cidades, a tradição da fogueira convive com o compadrio, figura que serve para reforçar os laços de amizade e solidariedade entre as famílias em uma relação elevada ao nível de parentesco.

A festa junina é plena de peculiaridades. Tanto é verdade que Campina Grande (PB) e Caruaru (PE) disputam o título de maior arraial brasileiro. A cidade paraibana se arvorou em "maior São João do Mundo". Já Caruaru se diz a capital mundial do forró.

A Constituição e o casamento

Recém-saído de um período turbulento de ditadura, o Brasil estabeleceu, em 1988, um novo ordenamento democrático. Com 10 anos de idade, completos em outubro, a nova Constituição Federal continua a expressar as contradições e tensões da luta pela democratização da sociedade.

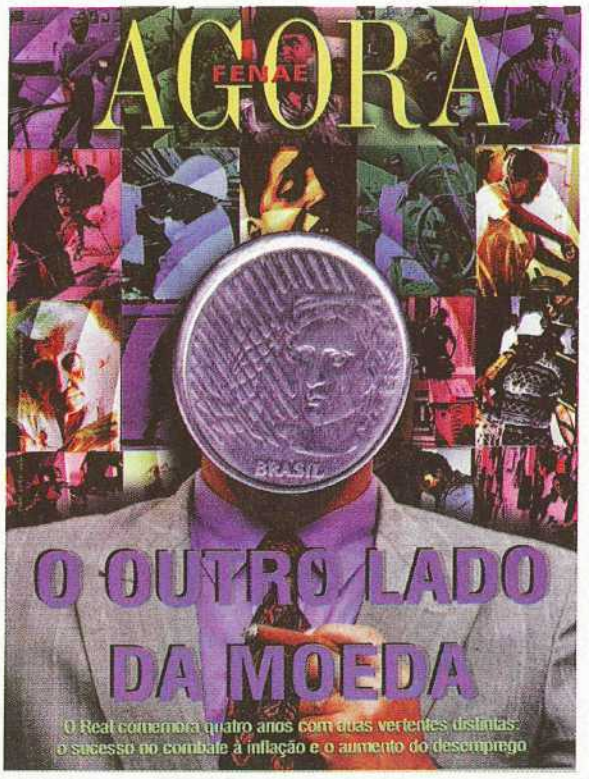
Hoje, parte desse esforço da sociedade foi em vão. As medidas provisórias do governo federal valem mais do que a carta constitucional de 1988, assim como outras formas de legislação que atropelam as atribuições do parlamento, como a emenda da reeleição, engendrada no próprio Poder Executivo.

Se a crise passa pela lei maior, a instituição casamento também enfrenta problemas. A cada quatro uniões oficiais, todo ano, ocorre uma separação no Brasil. Em 1994, último ano de pesquisa do IBGE sobre registros civis, foram 763.129 casamentos contra 86.002 separações judiciais e 95.971 divórcios.

Os números já foram melhores para o sacramento religioso e civil. Na década de 70, a média de casamentos era de 800 mil por ano. Nos anos 80, subiu para 940 mil. Agora, na década de 90, caiu para 750 mil.

Para a feminista Katia Souto, da União Brasileira de Mulheres, não foi o número de casamentos que caiu, Aumentou o número de uniões não-computadas oficialmente.

Edição n° 6 - Julho de 1998



Já no aniversário de quatro anos do real, a revista FENAE AGORA mostrava os furos do projeto, que logo mostrou suas mazelas ao lado do sucesso na estabilização. Seis meses depois, o plano fez água. 'A política adotada pelo governo tem perfil neoliberal, ao privilegiar privatizações e dependência ao capital estrangeiro", disse na ocasião o economista Paul Singer, professor da Universidade de São Paulo (USP). A deputada Yeda Crusius (PSDB-RS) ponderou que os benefícios trazidos pelo real, principalmente a estabilidade monetária, têm custo.

A estabilidade convive com inadimplência, desemprego, baixo crescimento, congelamento salarial e quebra de empresas. Com essas características, o professor Dércio Munhoz, da UnB, observou que "não tem como manter esse plano".

A dívida federal passou de R$ 61 bilhões, quando FHC assumiu, para R$ 288 bilhões em julho de 98. E o país não conseguiu taxas de crescimento econômico sustentáveis: o setor público já apresentava déficit superior a 7% do Produto Interno Bruto (PIB).

O final de tanto desacerto é que, ao contrário das estatísticas propagadas pelo presidente da República, o consumo dé gêneros como frango e iogurte não aumentou.

A dívida federal fòia Rl 288 bi no aniversário do Hm 10 real FA

Do orçamento à manipulação

Por que o orçamento, perfeito no papel, não impede o aumento da mortalidade infantil, deterioração do ensino, falta de moradias? Entre outras, porque o orçamento votado pela Câmara é apenas autorizativo. O presidente pode dispor dele conforme as conveniências do poder. Já que a representação parlamentar não possibilita o pleno exercício da cidadania, ganha corpo a figura do orçamento participativo, testado no Distrito Federal e em várias prefeituras.

Tão sério quanto discutir orçamento é o trabalho do Giramundo Teatro de Bonecos. Um dos segredos do grupo mineiro é a mescla de textos com apurada crítica social ao domínio completo da técnica de manipular marionetes, feitos pelo próprio grupo e de uma beleza plástica que encanta ao mundo todo.

"Utilizo a revista no programa que apresento diariamente. Ela apresenta suas matérias de forma diversa do que a grande imprensa diz."

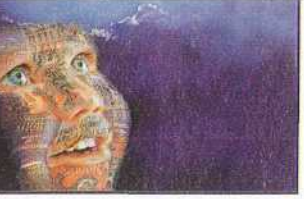
Paulo Henrique Santos Tavares
Diretor-gerente e apresentador da rádio Jacarandá, de Eunápolis (BA)

"Por ser moderna, mais ampla, por não se prender apenas às questoes sindicais, a revista está sendo muito mais lida petos empregados."

Nedson Micheleti
Ex-deputado federal (PT-PR) e empregado da Caixa

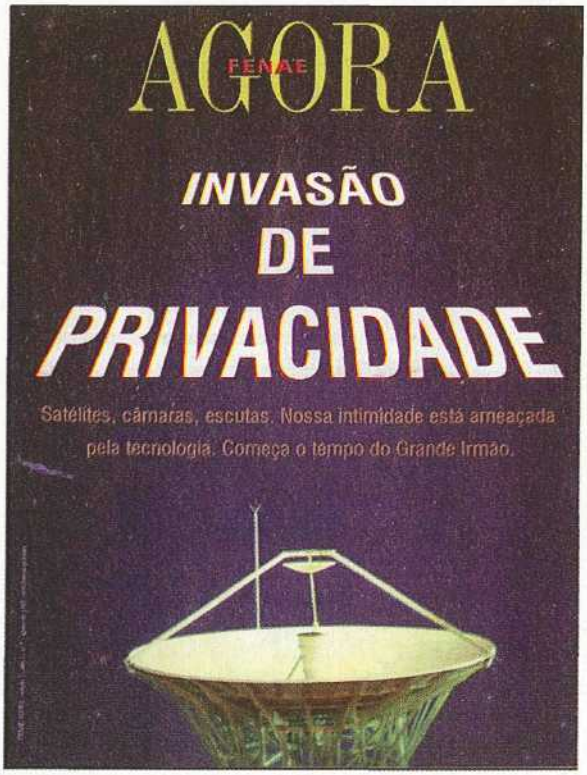
"Os inúmeros exemplares que me chegaram às mãos denotam a grandiosidade de espirito e brasilidade."

Lúcio Ricardo Mendonça Mário
Arquiteto, inspetor-chefe do Conselho Regional de Engenharia e Arquitetura do Rio de Janeiro em Petrópolis (RJ) e membro do movimento Cidadania pelas Águas.

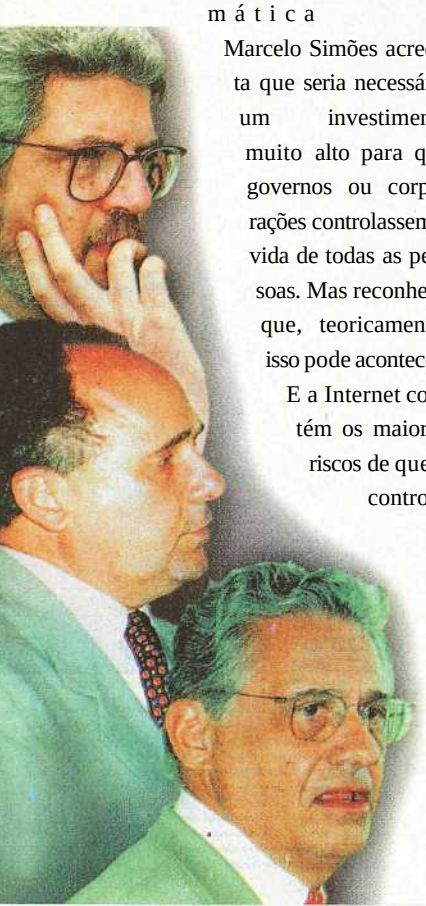


Edição nº 7 - Agosto de 1998

O controle dos passos dos cidadãos já deixou as páginas da ficção científica para tomar de assalto bancos, ruas, lojas e padarias. É o que conta a matéria oportunamente chamada "Invasão de privacidade". O inglês George Orwell, em "1984", livro escrito na primeira metade do século, criou o "Grande Irmão", entidade que controlava cada passo de todo cidadão. O que são as centenas de equipamentos tecnológicos, desde canetas que também são câmeras de vídeo até potentes satélites que registram tudo o que fazemos, a não ser a materialização dessa ficção mórbida?



O especialista em informática Marcelo Simões acredita que seria necessário um investimento muito alto para que governos ou corporações controlassem a vida de todas as pessoas. Mas reconhece que, teoricamente, isso pode acontecer. E a Internet contém os maiores riscos de que o controle individual realmente aconteça.



'A invasão da individualidade é uma violação aos direitos humanos", comenta o gaúcho José Antônio Moroni, ligado ao Movimento Nacional de Meninos e Meninas de Rua (MNMMR).

O escritor português Antônio Joaquim de Souza acredita que a humanidade terá que escolher entre uma sociedade controlada pelo Grande Irmão e outra, que representou como a Ágora, espaço democrático das decisões políticas dos gregos de antes de Cristo. Ao que parece, por enquanto a vitória pende para o lado do Grande Irmão. "O panorama de um admirável mundo novo está somente pré-anunciado", diz o escritor. É melhor tomar cuidado.

A invasão da individualidade viola os direitos humanos
FA

Promessas e queimadas

Às vésperas de cada eleição, os eleitores do Brasil parecem já estar anestesiados: as promessas feitas em anos eleitorais são esquecidas tão logo os governantes assumem o mandato. O ex-governador Antônio Britto (PMDB-RS) chegou a assinar documento, no início de seu mandato, em 95, negando que iria vender a Companhia Riograndense de Telecomunicações e a Companhia Riograndense de Energia Elétrica. O que aconteceu? Ambas foram privatizadas.

Há exceções, contudo. O ex-governador Cristovam Buarque (PT-DF), prometeu e cumpriu com a implantação do projeto Bolsa-Escola, que concede um salário mínimo mensal às famílias de adolescentes que freqüentam a escola na rede pública de ensino.

Quem está certo? Pesquisa do instituto Vox Populi, em *96*, revelava que a maior parte do eleitorado quer que seus representantes tenha prática assistencialista, atendendo às carências imediatas da população menos favorecida.

Demagogos ou não, os governantes são chamados a combater um problema crescente no Brasil: as queimadas. Em apenas dois meses de 1998 (junho e julho), foram detectados 6.617 focos, contra 4.401 no mesmo período de 1997.

A lentidão do governo é apontada por ambientalistas como uma das causas para as proporções tomadas por incêndios como o de Roraima, ocorrido no início do ano passado. Sem perspectivas de uma política por parte do poder público, os setores organizados da sociedade tomaram iniciativas para combater os impactos das queimadas, em especial na região amazônica.

Outra prática do movimento ambientalista e sindical é a denúncia de incêndios criminosos praticados por madeireiros e latifundiários.

Edição nº 8 - Setembro de 1998

A atuação da Caixa nos segmentos comercial, de prestação de serviços e de fomento vem sendo redirecionada pelo governo nos últimos anos. O futuro da empresa, entre os empregados e sociedade, é visto com incertezas, discutidas e aprofundadas na edição de setembro.

A tradição de relacionamento estreito entre a Caixa e seus clientes é quebrada, por exemplo, com a transferência de serviços para as lotéricas. A Caixa investiu R$ 35 milhões na padronização das instalações de 5.955 pontos lotéricos. Por outro lado, o Ministério das Comunicações discute a entrada dos Correios em serviços bancários A terceirização já se faz sentir no total de pessoas que atuam na Caixa: os prestadores de serviços, estagiários etc. são mais de 40% do total de 100 mil trabalhadores.

Centros de arte e beleza

Com obras de Rembrandt, Van Gogh, Monet, Renoir, Degas, Botticceli, Goya e outros mestres das artes, o Museu de Arte de São Paulo (Masp) é o contraponto que a avenida Paulista, na capital do estado, apresenta ao coração financeiro do país. Adquirido em leilões, junto a coleções particulares e galerias, o acervo do Masp está à altura de seus 51 anos.

Além do acervo, o Masp se destaca pelas exposições temporárias, que chegam até a 50 por ano. O museu também reúne música e cinema, dando vazão a seu caráter de centro cultural.

O maior museu da América do Sul, com obras avaliadas em US$ 100 milhões no total, já manifesta sua arte a partir do desenho incomum do prédio, projeto da arquiteta Lina Bo bardi, modernista italiana.

Modernidade não há na ilha do Mel, litoral do Paraná. Mas há muita beleza. Seus 27 quilômetros quadrados são uma sucessão de belas praias, trilhas e atrações históricas.

Os banhistas podem escolher entre as praias Grande, de Fora, do Forte e do Farol. E, para andar de uma a outra, pode-se tomar trilhas ecológicas, como os caminhos do Belo e da Figueira.

Conhecida há mais de 200 anos, a ilha abriga a fortaleza Nossa Senhora dos Prazeres, inaugurada em 1770, e o farol das Conchas, de 1872, que serviu de cenário para o filme 'A ostra e o vento", com Lima Duarte. Por sua importância, a ilha do Mel é estação ecológica e também reserva da biosfera, título dado pela Organização das Nações Unidades para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco).

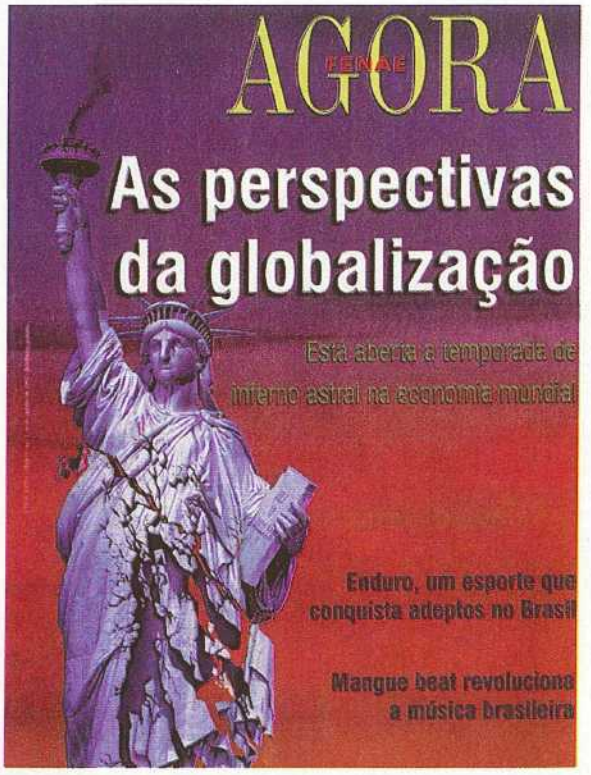
"A revista rompe o corporativismo, que seria natural numa publicação deste gênero, para trabalhar numa linha mais abrangente. Quem tem acesso à revista, nestes tempos em que a globalização acontece em todas as áreas, tem a oportunidade de participar do debate sobre os temas mais atualizados, além de receber informações sobre o Brasil e o mundo."

Wellington Dias
Deputado federal (PT-PI)
e empregado da Caixa

"É uma revista voltada para defender os trabalhadores. Estamos para entrar no terceiro milênio e nosso país, que tem muito potencial, é um dos mais pobres na área social e na trabalhista."

Benedito Pereira da Silva
Diretor do Sindicato dos Trabalhadores na Indústria da Construção Leve e Pesada e do Mobiliário de Parauapebas (PA)

Edição n° 9 - Outubro de 1998



Um processo de retração econômica avança mundo afora e passa a incomodar países como os Estados Unidos, que têm déficit comercial de US$ 240 bilhões. Seria o fracasso da estratégia neoliberal, retratada ainda na edição de outubro e reforçada no início de 99? O sociólogo alemão' Robert Kurz pensa assim.

A diferença entre as crises anteriores e a atual são as evidências de recessão mundial, com baixas taxas de crescimento. Após o colapso do México e Indonésia, a crise russa veio para causar abalos políticos e militares, além de econômicos.

Mas o deputado federal Delfim Netto (PPB-SP), economista, acha que o balanço não vai abalar a economia americana, que "atravessa equilíbrio interno". No entanto, o Federal Reserve (o banco central dos EUA) resolveu baixar os juros bem na época da queda russa.

Todos os países estão sendo afetados pela crise. O Japão enfrentou em 98 a pior recessão de sua história recente, com reflexos em vários tigres asiáticos.

Mas sofre mais quem adotou política de dependência acentuada de recursos externos, como o Brasil. Em agosto e setembro do ano passado, o país viu sumir US$ 22 bilhões em suas reservas cambiais, o equivalente ao preço da privatização do sistema Telebrás.

O jornalista econômico Aloysio Biondi, em sua coluna, conseguia ver os aspectos positivos da crise. Para ele, está se encerrando o ciclo do neoliberalismo, responsável direto pela derrocada dos tigres asiáticos e do México. Foram esses países asiáticos que instituíram controles de Estado para disciplinar a entrada e saída de dólares de suas economias. Biondi antecipa problemas para os Estados Unidos, "que conseguiram prosperidade nos últimos anos às custas de escancarar os mercados de outros países".

Entre o cochilo e a energia

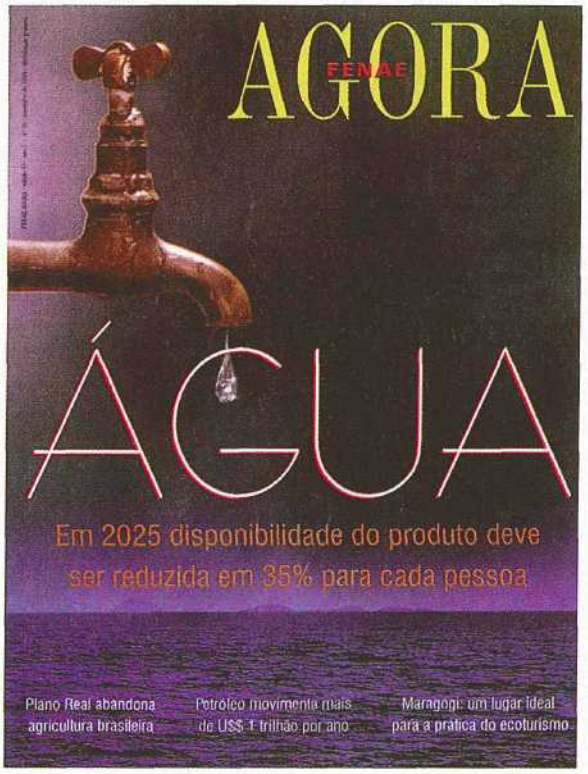
Herança da cultura ibérica, a sesta anda em desuso no Brasil, principalmente nas grandes cidades. Mas é altamente comum em outros países da América Latina, como a Bolívia, Peru e Argentina.

Um olhar mais apurado, no entanto, demonstra que a sesta é mais disseminada do que parece: no interior, em especial, mas também entre categorias como os pedreiros, que não dispensam um cochilo após o almoço. Os efeitos do calor sobre as pessoas, exigindo uma pausa nas horas quentes do dia, foram descritas até mesmo pelo sociólogo Gilberto Freyre em "Casa-grande e senzala". Freyre aponta que o clima diminui a capacidade de trabalho dos habitantes dos países quentes.

Já no mundo das fontes de energia não pode haver pausas. Governos e corporações estão preocupados com o fim das fontes não-renováveis.

É certo que o petróleo e o gás natural se esgotarão um dia. Surge então a necessidade de substitui-las por outras fontes, tão baratas e práticas. O governo brasileiro realizou estudos mostrando que o bagaço da cana que produz o álcool e o açúcar do país seria capaz de produzir 10% da energia hoje existente no país. Soluções existem. Há interesse?

Edição nº 10 - Novembro de 1998



Um alerta ambiental até então pouco difundido foi capa da edição de novembro: a falta de água já atinge 20% da população do planeta. E, segundo a Organização das Nações Unidas (ONU), em 2035 a carência do produto pode afetar dois terços da população mundial, que será de 8,3 bilhões de pessoas.

Como isso acontece, se a quantidade de água no mundo *é* praticamente a mesma desde o começo dos tempos? O desperdício, a má distribuição e a contaminação das fontes e dos aqüíferos subterrâneos explicam boa parte da diminuição na oferta de água.

Além disso, o aumento da população contribui para o problema da escassez: a cada 21 anos, dobra a demanda por água potável.

A água ocupa 70% da superfície, mas apenas 1%, ou 12.600 quilômetros cúbicos, é acessível ao homem. O resto é água salgada *(97%)* ou geleiras polares (2%). E nada menos que 8% de toda a água potável do mundo estão no Brasil.

Como condenar um país

Em sua coluna na edição de novembro, o jornalista Janio de Freitas avalia que "os sinais da degradação nas relações entre as camadas sociais só não são vistos por quem não os queira ver. Na verdade, nem precisa ver: está forçado a sentir. E a mostrar que sente: nas grades e muros altos, nos vidros fechados dos carros, no medo e na vigilância constantes, e por aí afora. Agravar uma situação assim não é um modo de governar um país. É uma forma de condenar um país". Após os três anos que a equipe econômica pediu para consolidar a estabilidade, o Brasil praticamente estourou: endividamento externo, juros altos, defasagem salarial, desemprego, menos recursos para áreas sociais, finaliza Janio.

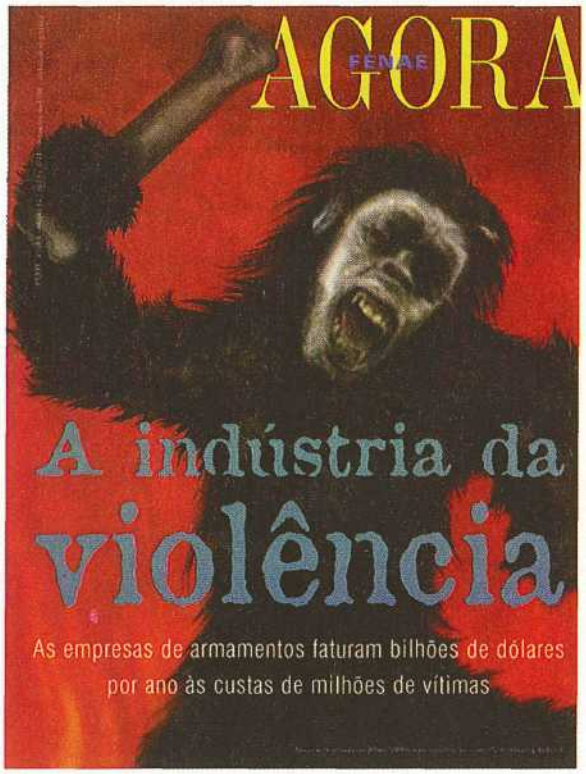
Após três anos de governo FHC o Brasil quase que estourou
FA

Um dos exemplos é a agricultura: o governo apostou numa política de importações agrícolas, com a qual o Brasil gastou R$ 7,5 bilhões.

O agrônomo Gerson Teixeira, da liderança do Partido dos Trabalhadores na Câmara dos Deputados, avalia que a redução do apoio ao setor agrícola, exigência de organismos internacionais, *é* danosa aos produtores brasileiros.

> *"É mais uma revelação de que os empregados da Caixa integram a vanguarda do país. Na minha casa, todo mundo lê, seja para saber de Jacó do Bandolim ou Vinícius de Moraes, seja para refletir sobre o problema da violência."*
>
> *Adacir Reis*
> *Advogado*

> *"Para o profissional que escreve sem gostar de escrever, como é o meu caso, foi uma surpresa descobrir que tenho gostado muito de escrever para esta revista. E logo entendi a razão: gosto também de lê-la. Por isso e pelo resto que vocês sabem, eis o que acho: a hora é AGORA."*
>
> *Janio de Freitas*
> *Jornalista*



Edição nº 11 - Dezembro de 1998

As festas de final de ano podem servir para a discussão da violência entre os homens. Hoje, a humanidade encontra-se numa encruzilhada, sem saber por onde seguir: pela rota da destruição, por onde parece já ter dado bons passos, ou se pela via da construção da paz.

Mesmo que os registros históricos mais remotos informem lutas e guerras, muitos acreditam que um dia existiram na Terra seres humanos pacíficos. É ao contrário o que induzem as cenas iniciais do clássico "2001, uma odisséia no espaço", de Stanley Kubrick, nas quais um macaco descobre o que teria sido a primeira arma, um osso que despertou seu instinto bélico.

Talvez o macaco desse clássico da ficção científica não tivesse feito o que fez se viesse a saber que as 243 guerras ocorridas no século causaram um total de 200 milhões de vítimas. E, o que é pior: na Primeira Guerra Mundial, iniciada em 1914, as vítimas civis representaram apenas 10% do total de mortos. Na Guerra do Vietnã, que começou na década de 60, elas chegaram a 90% das mortes ocorridas.

A violência gera uma das indústrias mais lucrativas. O Instituto Internacional de Estudos Estratégicos calcula que os gastos militares em 1996 superaram US$811 bilhões. No mesmo período, a indústria de medicamentos faturou US$ 200 bilhões. E mesmo com os acordos de não-proliferação de armas nucleares, Estados Unidos e Rússia aumentaram seu arsenal de ogivas de 7.455 unidades, em 1970, para 16.900, em 1975.

O aumento da violência no mundo não se mede apenas por armas nucleares ou guerras entre países, mas no convívio entre os cidadãos. E nem sempre as próprias pessoas envolvidas em uma discussão, briga ou assassinato sabem explicar o que as leva a agir de forma violenta.

'Â matança, a tortura e o exílio em massa se tornaram experiências do dia-a-dia que não mais notamos", lamenta o historiador inglês Eric Hobsbawn.

A disputa do Cotidiano é potencializada pela livre circulação de armas, sem registro e, por isso, sem o mínimo controle.

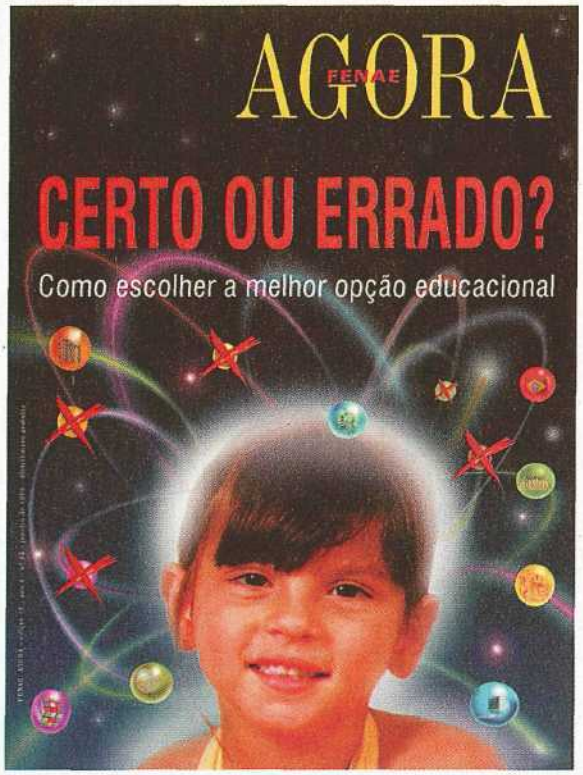
As terríveis armas biológicas proliferam mundo afora, pois pelo menos 25 países já as possuem.

O Natal e o som da rabeca

É paradoxal, mas a celebração cristã da solidariedade também gera os maiores lucros para o comércio. O Natal, assim, perdeu boa parte de seu significado original. Por conta disso, a figura de Jesus Cristo perdeu espaço para os presentes, Papai Noel e outros símbolos "pagãos". Mesmo assim, a celebração cristã ainda sobrevive.

Da mesma forma que a legítima música caipira, apesar de ter perdido, em setembro, um de seus maiores mestres, o mineiro Zé Côco do Riachão. Dono de uma técnica apurada, ele tocava sanfona, rabeca, cavaquinho, pandeiro e caixa de folia; fazia lundus, corta-jacas, calangos, dobrados, mazurcas, maxixes, guaianos e toadas. Zé Côco foi a essência de uma música regional brasileira espontânea, legítima e desprovida de condicionamentos e modismos.

Edição nº 12 - Janeiro de 1999



Às vésperas das matrículas para um novo ano letivo, pais e educadores buscam métodos pedagógicos de ensino que incentivem a criatividade e a potencialidade intelectual do aluno. É o que aponta a edição de janeiro deste ano da revista.

A educação no Brasil tanto pode ser vista a partir da lente do ensino tradicional, mero repositório de informações, quanto por uma lente alternativa, que considera o aluno como participante ativo na construção do saber, visando desenvolver a consciência humanista. Apesar da mudança de mentalidade que já se percebe claramente na sociedade, ainda prevalecem os métodos tradicionais.

Os pais têm papel primordial na definição do método que servirá de base para a educação de seu filho. O educador Nilton Rosa alertava para a necessidade de saber a filosofia e o projeto pedagógico da escola em que os pais apostam.

Também é importante adotar propostas que reduzam as diferenças entre escola e comunidade.

Mercosul, álcool e saúde

Com problemas nas relações trabalhistas e indecisões, o Mercosul se pretende o terceiro maior bloco comercial do mundo. Ainda sem solução está a integração com a Área de Livre Comércio das Américas (Alca). Em 2005, Brasil, Argentina, Paraguai e Uruguai terão que escolher entre participar da Alca ou até mesmo da União Européia.

Desde sua criação, o comércio entre os quatro países passou de US$ 4 bilhões, em 91, para US$ 20 bilhões, em 97.

Um dos componentes desse comércio é o álcool, do qual o Brasil produz mais de 50% no mundo, 13 bilhões de litros na última safra. Energia alternativa, o produto é menos poluente que o petróleo.

Preocupados com a poluição, ao menos, os surfistas são. Ecologia, saúde e paz é o trinômio que sustenta o esporte. Isso sem contar num mercado que movimenta R$ 800 milhões ao ano só no Brasil. São milhares de jovens e coroas "sarados" que se jogam ao mar em busca da onda perfeita, desnudando as belas praias do país.

"As publicações nesta área estão crescendo, porque fogem de toda a manipulação da informação que a grande imprensa vem impondo. Se não a verdade, que às vezes está muito longe da compreensão, órgãos como a FENAE AGORA vêm pelo menos mostrando o outro lado da história."

Aloysio Biondi
Jornalista

"Gostei especialmente da capa sobre a violência. Hoje, na imprensa brasileira, há um certo vácuo de publicações que não são atreladas ao governo, oficial. Na área musical, procuro oferecer alternativas aos leitores, porque há um massacre comercial imposto pela mídia."

Tárik de Souza
Jornalista

Há 28 anos...

Médici parabeniza a FENAE

O terceiro número dd jornal FENAE Notí-f cias, em junho dei 1973^ mostrava a so-! lenidade que corfle^-i morou o sniversário de dois aíios da FENAE. O presidente Ida: Federação, Arthur Ferreira de Souza Filho, falou sobre "a participação pioneirá eativa dos econoíniá-nos em diversos setores da vida ad^ *ministrati'ã* e econômico-social do país". O jornal t... íntegra do discurso de Souza Filho

Ele citou, por exemplo, a ... 8.456, de 1934, que organizou a estrutura da Caixa e também deter-**minou • participação dos emprega-**dos nos lucros da empresa. Á Caixa foi pioneira nessa medida, incorporada em seguida à Constituição de 1946. A medida não chegou a ler implantada, em nenhum setor da economia.

O presidente também destacou o papel da FENAE como coordenadora das ações das associações de pessoal em todo o país.-"E tudo tem feito em defesa dos impostergáveis direitos da classe", disse ainda.

O jornal publicou ainda mensagem do presidente Emílio Médici. "A preocupação suprema do governo consiste em valorizar o homem"", afirmou o ditador.

Abrindo « solenidade comemorativa do £* aniversário da FBNAIS, o presidente Arthur Ferreira de Souza Filho íez importante *aprmtiitçU*» sofire a i«irtícípagão pioneira o a ativa do» economiários em diverso» setores da vida administrativa e econômíco-soefnl do País — O ProP J. C, de Assis Ribeiro, «ócio benemérito da FENAE e convidado especial, pronunciou notável conferência sob o título; «FENAE — fator *âe iniegnufio* ttooionai» — presente» dirigeat«# do CEP, do *8A88VS*, de nossa» ussoclaçôc» *e* gfftndo número de *ccmmmíktim,* (Ampío notictârto na» páginas central»).

O PRESIDENTE MÉDICI E Á VALORIZAÇÃO DO HOMEM

«A *pfioetipâtfo* ***tupmtt**** do Governo, **S n o icaiio** alífinado teítírdíl.iBWnto, causisf* cm «nloriíâr o homem. Ao définlr «st, objetive friiiiordiai, «eentuoi **fltt» nata** *ele* alcançado, *gtnduriimtite*, «o eaiapo AM relaçôc* econêmieas, m«li*nt« próvídíniiás praticai e «** (jaivei*, **qtw** Cfmlri(«iiis«n para **a** itielhoria do béfit»estnr do» traba* lhadotes, wm prejudie.r o ritMô verifitndo na wiação d* riqtieiá,» (»Klávir«it iniciais do pronunciamento fpito peio Sr; *Presidenta* da BspôUiía, «a 8 de «tembro, (piínilo stUiicioa ô Nação impof **tttrfM infddtJv*» do «w Governe),**

E<» P«d*ta<âo «ente-» orguihíaa «o vwific.tr qtw m liaba* que defende **eem M)aS>o ô v*)oriu{á» da** «jonwniírio só «iinnm [>»r> fefUtóírtta oo» **ee** postaiados **proconiudot** pelo Primeiro MnndalMo doPal»,

Junho de 1973: aniversário de 2 anos da FENAE

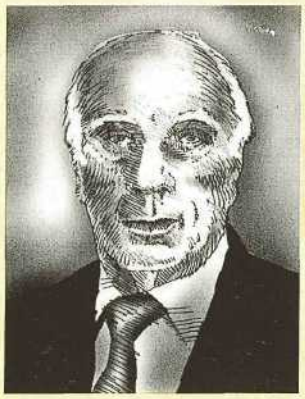
NOSSOS PERSONAGENS

Ulysses Guimarães: o Sr. Diretas fez história

Eleito JI vezes deputado federal, o i paulista de Rio Claro ,-UlysseS; •, Silveira ^Guimarães[1V] - tornoíi-se símboio da chamada resistência democrática ao regime militar instalado no pais em 1964.

candidato à Presidência da República, em 1974, liderou o movimento por anistia aos presos e exilados políticos e comandou a grande mobilização pelas Diretas-Já, uma campanha que despertou a participação popular, levando mílhões de pessoas às ruas, em todo o país, após mais de 20 anos de silêncio imposto por uma ditadura.

"Temos que acabar com essa Bastilha nojenta e repugnante que é o Colégio Eleitqral, para libertar do calabouço o voto direto", J exortou Ulysses em comício organizado pelo seu partido, o PMDB, em Curitiba-PR, no dial2 de janeiro de 1984. Logo em seguida, na Praça da Sé, cm São Paulo, o deputado voltou a pregar a "queda da Bastilha" diante de mais de 200 mil pessoas. A "caravana das Diretas-já" seguiu país afora e empolgou multidões, sempre com Ulisses Guimarães à frente, o que lhe valeu o apelido de "Senhor Diretas"..



O incansável deputado veio a ser o presidente da Assembléia Nacional Constituinte convocada durante o governo de José Sarney, em 1987. Promulgada no dia cinco de outubro de 1988, a nova Constituição do país instituiu em seu art. 77 a eleição presidencial direta. Na primeira disputa, em 1989, foi candidato pelo PMDB.

Ulysses Guimarães morreu em acidente de helicóptero, no litoral sul do Rio de Janeiro, em 1992. Seu corpo desapareceu no mar e nunca foi encontrado. ◁R

Uma "fezinha" para melhorar de vida

A mania dos brasileiros de acreditar que um dia vão "acertar a sorte grande"

O bordão é antigo e corre o país como um furacão: "o jogo do bicho é a instituição mais séria do Brasil". Megasena, quina, supersena, trinca, loteria federal e esportiva são alguns dos derivativos do jogo do bicho, inventado em 1888 por João Batista Vianna de Drummond, o Barão de Drummond, com o objetivo de impedir que o Zoológico do Rio de Janeiro fechasse suas portas. Quaisquer que sejam as banalidades do Cotidiano, o mercado brasileiro de apostar na "sorte grande", como forma de resolver problemas financeiros seculares, nunca esteve tão *agitado*. Tanto que, de olho no filé mignon desse setor, a Caixa Econômica Federal investiu em 1997 cerca de R$ 35 milhões na padronização das instalações das 5.955 lotéricas existentes no território nacional.

Tido como a fezinha mais popular do Brasil, embora proibido por lei, o jogo do bicho é vendido nos rincões mais distantes e nas capitais mais desenvolvidas do país. Os 25 bichos são organizados numa precária ordem alfabética, com combinações de seus números em dezenas, centenas, milhares etc. São quatro dezenas na casa de cada bicho.

Aficionado pela "loteria do Barão de Drummond", o gráfico Mauro Alves Loureiro joga no time dos que acham que jogo do bicho é coisa pra lá de séria. Ele explica seu ponto de vista: "Quem ganha, nunca deixa de receber", acrescentando que se trata de um jogo em que os bicheiros (a quem cabe determinar as regras) não perdoam o ponto ou o corretor que não pagar o prêmio ganho pelo apostador, afastando imediatamente o desonesto. O vício de Mauro pela jogatina surgiu 15 anos atrás. Atualmente, ele compromete 15% dos seus rendimentos mensais com jogos de azar. Não só com o bicho, mas também com megasena, supersena e com loteria federal.

Palpites

No caso do jogo do bicho, os pagamentos dos prêmios são feitos com a simples apresentação da cópia do talão com os palpites, o que torna esse jogo fácil para qualquer apostador e, de certa forma, honesto. Sobre a mania do brasileiro pelo jogo do bicho, aliás, a opinião de uma

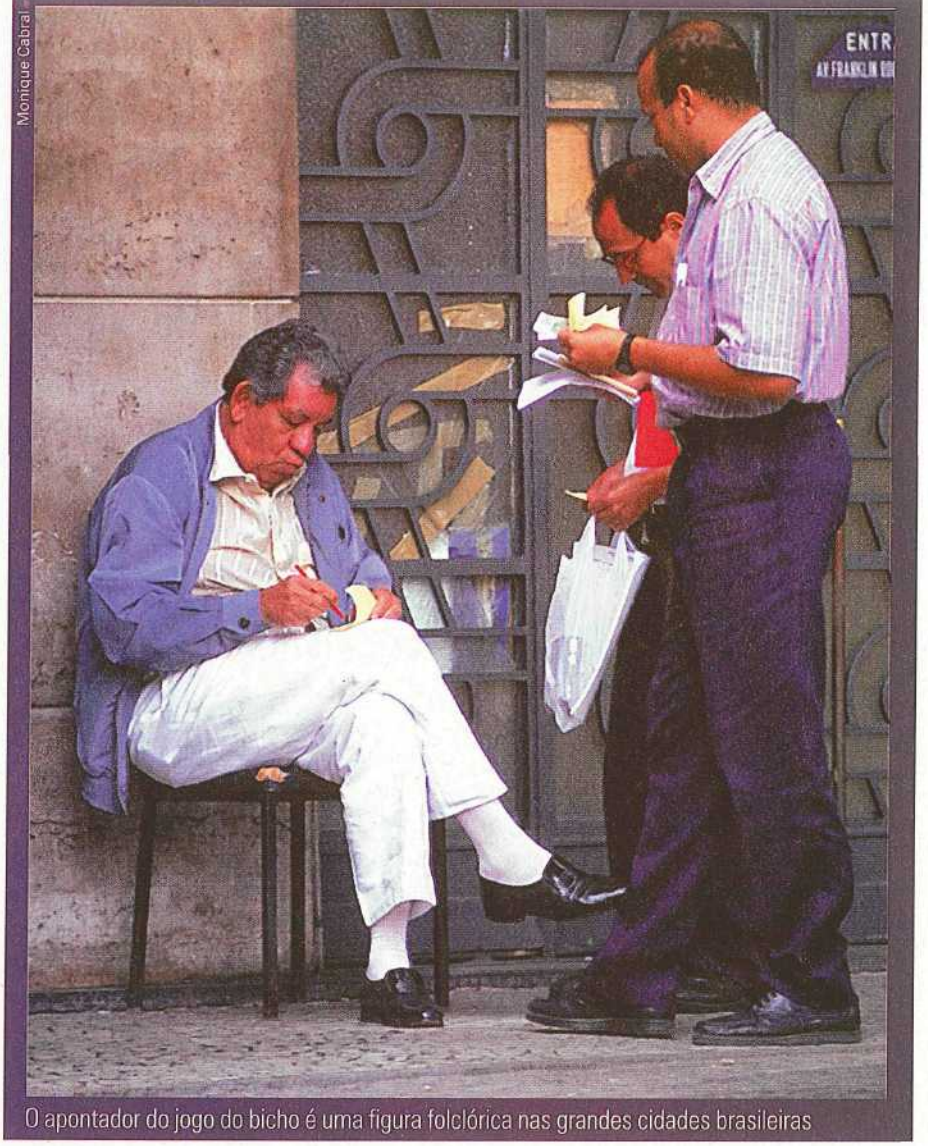
Claus Meyer

Uma mania que muitas vezes vem do berço

A mania de fazer fezinhas em loterias, jogos de azar e jogo do bicho, adquirida pelo brasileiro ao longo do último século, parece vir de berço. Caso da dona de casa Lindalva Nascimento da Silva. Ela joga no bicho de segunda a sábado, faça sol ou faça chuva. Um hobby que faz parte do seu Cotidiano há pouco mais de dez anos. O sonho de ter uma vida melhor, buscando resolver definitivamente seus problemas financeiros, é o que leva Lindalva a apostar na "sorte grande". "Sinto prazer em jogar", completa ela.

A psicóloga brasiliense Cleonie Leining Cavalcanti fala que o elo da personalidade do nosso povo é resultado da mistura de três etnias distintas: índio, negro e europeu. Esse "pequeno detalhe", segundo a terapeuta, faz a diferença e serve de motor para que o brasileiro acredite que seus problemas com a falta de dinheiro serão resolvidos de uma maneira mais ou menos mágica. A explicação: 'A personalidade do povo brasileiro se origina de um atavismo bonachão e, ao mesmo tempo, liberal. O jogo então possui uma natureza meio lúdica, funcionando muitas vezes como uma forma de brincar e de colocar colorido no dia-a-dia de quem o aprecia".

Cleoni Cavalcanti, no entanto, faz um alerta aos que sonham demasiadamente com a "sorte grande". Ela diz que se a pessoa se volta apenas para o jogo, esperando ficar milionária rapidamente, ela corre o risco de não viver o agora. "Visto deste jeito, o jogo deixa de ser saudável, destruindo e corrompendo aos poucos o viciado, que passa a agir com irresponsabilidade e desequílibrio emocional".



O apontador do jogo do bicho é uma figura folclórica nas grandes cidades brasileiras

cambista de Brasília (que não quis se identificar) está sempre na ponta da língua. Ela acredita que estejam em torno de 10% as chances de qualquer jogador faturar os prêmios oferecidos pela "loteria do Barão de Drummond".

Mania ou não, muitas das vezes os sonhos estão interligados a bichos na cultura popular de um país multirracial como o Brasil. Mauro Loureiro nunca deixa de fazer uma fezinha toda vez que sua mulher sonha com os bichos. Ele afirma: "Quando isso acontece, sempre jogo e ganho alguns pequenos prêmios". Foi por conta desse detalhe que ele já ganhou no bicho pelo menos dez vezes. A psicóloga clínica Cleonie Leining Cavalcanti, por outro lado, acha que todo sonho é sinal de realidade. "Temos de aprender a sonhar acordado. O jogo é uma brincadeira, pode dar ou não certo. E toda brincadeira é competição, alegria, empolgação e deve ser encarada assim", explica Cleonie Cavalcanti, para quem a compulsão por jogar no bicho ou na megasena, por exemplo, gera perda de liberdade e faz com que o viciado fuja da realidade.

> Muitos sonhos estão ligados aos bichos em nossa cultura popular
> FA

A maioria dos jogadores do bicho provém das camadas populares. Não há uma explicação científica para esse fenômeno. Em várias partes do Brasil, nos últimos anos, foram criadas associações de vendedores autônomos de loterias (Avais), com a função de administrar o jogo do bicho. Funcionam em torno das Avais ambulatórios médicos, laboratórios de análise, assistências jurídica, educacional e hospitalar (em casos especiais) para os cambistas e seus familiares. (^

Adacir Reis

A hora da verdade

Discurso para os anais do Congresso Nacional da economista e então deputada Maria da Conceição Tavares, proferido em sessão do último dia 13 de janeiro:

"Senador Antônio Carlos Magalhães - V. Exa deve estar lembrado que, uma semana antes do Natal, pedi que me escutasse, porque V. Exa é um homem poderoso... Quero que V. Exa reconheça, fale com o presidente da República, com as suas lideranças que a dívida federal dos estados e municípios e das grandes empresas é impagável...

Tenho certeza de que metade do que está ocorrendo é devido ao desconhecimento profundo por esta Casa da gravidade da crise, desconhecimento profundo de um erro cavalar cometido pelas autoridades monetárias nas quatro vezes em que puderam corrigir a política cambial, em particular em junho, quando o presidente da República anunciou que não iria subir os juros e subiu para 50%. Na época, ele tinha que ter demitido esse menino (Gustavo Franco) e não passar pela vergonha de demitir o presidente do Banco Central por interferência das autoridades financeiras norte-americanas.

Peço a V. Exa, que é um patriota à sua maneira, como eu - embora em campos opostos - que reflita, que leve este Congresso a chamar os governadores a uma discussão sobre um pacto federativo de renegociação das dívidas interna e externa, sem o que o país não terá destino algum"

Dança das cadeiras

A nova legislatura da Câmara dos Deputados perdeu figuras carimbadas da vida política nacional. Figuras que, de um modo ou de outro, se destacaram no âmbito do Poder Legislativo. Alguns exemplos: Luiz Gushiken, Marta Suplicy, Saulo Queiroz e Roberto Campos. Por outro lado, nomes como Aloizio Mercadante, Waldir Pires e José Dirceu estão de volta. Alguns bancários debutantes no Congresso Nacional, entre os quais Ricardo Berzoini, Wellington Dias, João Grandão e Geraldo Magela (todos do PT), também prometem fazer barulho.

História do Congresso

Há quem diga que orçamento público no Brasil é uma ficção. Pelo jeito, a coisa vem de longe. Se não, vejamos:

"Já na primeira 'Fala do Trono', em 1823, dom Pedro I reconheceu publicamente que as condições do Tesouro eram ruins e as receitas insuficientes. Embora previsto desde a promulgação da Carta Magna de 1824, o orçamento público só foi votado pela assembléia geral para o exercício 1831-32, discriminando as despesas em cada província. Os anos sem orçamento e os compromissos herdados da administração colonial portuguesa determinaram a necessidade inicial de empréstimos interno e externo que levariam o Tesouro a ter dificuldade de pagamento" (fonte: Senado Federal - site da Internet). FA

Ivaldo Cavalcante/CB

Adacir Reis é advogado

Respeitável pú

"O palhaço o que é? É ladrão de mulher!" Os malabaristas, os elefantes e os trapezist

O modo nômade de tocar a vida é a sina de quem trabalha no picadeiro, a "gente de circo" (assim é chamado o pessoal que tira seu sustento dos espetáculos realizados debaixo de uma lona). Como os ciganos, os artistas circenses armam e desarmam as lonas com uma regularidade acima do normal. Uma prova de que paixões e dramas se misturam no mundo do circo.

O palhaço Simão Ângelo Gonçalves, o Xumbreguinha (de Brasília), entende de circo como poucos. Trabalhando na área há mais de 20 anos, Xumbreguinha fala que o circo - apesar da atração que a tecnologia e os brinquedos eletrônicos exerce atualmente sobre o cotidiano infantil - continua imprescindível para a cultura de um país. "A vantagem do circo é o fato dele alimentar na criança a fantasia e o sonho. Isto faz com que a arte circense se vincule às raízes culturais de uma nação como a brasileira. Circo continua sendo um programa que gera prazer. Comer pipoca e manter contato com os animais envolvem coisas lúdicas para as crianças", arrisca Gonçalves.

> Novas formas de entretenimento geram um novo boom do circo
> FA

Pai de filhos ainda pequenos, o potiguar Haroldo da Cunha Izaguirre considera fundamental levar a criança ao circo. O porquê: - O circo é magia e possui a capacidade de preencher lacunas emocionais infantis, ajudando a criança a conhecer mais de perto a realidade da vida -. Ele faz sua "mea culpa" e diz que há muito tempo não leva seus filhos ao circo, devido ao fato de em Natal (cidade onde mora) não ter boas opções. Com ele faz coro a trapezista Bete Martins, do Rio de Janeiro. Na sua opinião, o circo tem linguagem que fala de forma mágica ao coração das pessoas de qualquer idade. - O circo tem a capacidade de ir aonde as pessoas estão. Ele é nômade e persegue a superação dos limites humanos, valores essenciais para se contrapor à violência e à agressividade do mundo moderno - afirma Martins.

Aplauso

Talvez o aplauso seja a maior recompensa que um artista de circo pode receber do seu público. Como trapezista da Intrépida Trupe, grupo carioca que faz do tripé circo-teatro-dança sua marca registrada, Bete Martins acha que está havendo um boom de circo pelo mundo. Cita como exemplo o grupo canadense Soleil, que começou pequeno e se transformou - ao longo dos últimos anos - numa bem-sucedida indústria do entretenimento. Para ela um dos méritos do Soleil é mesclar várias linguagens em torno da arte circense. O também carioca Cláudio Baltar, outro integrante da Intrépida Trupe, opina que o circo é uma caixinha de surpresas, acrescentando que surgem no picadeiro números diferentes a cada espetáculo. Baltar acredita que uma das principais características da arte circense é romper com tudo o que lembra linearidade.

Outra questão importante a descobrir é a maneira como o Estado brasileiro lida com o

blico...

s resistem às modernidades e perambulam pelo país

circo. Xumbrequinha responde: "A política cultural adotada pelo governo federal não incentiva a arte circense. Prova disso é que a todo momento os projetos culturais são tirados de circulação". Ele conclama os palhaços de circo de todo o Brasil a se levantarem de forma organizada contra tamanha ausência de incentivo, como alternativa para não deixar que essa arte desapareça do cenário nacional.

O dia-a-dia de quem mexe com circo, no entanto, é bastante agitado. Como a própria palavra sugere, circo vem de circus que, por sua vez, deriva de circulus (círculo). E viver em círculo parece fazer parte da rotina daquela gente que se reveza no picadeiro, rodando de um lado a outro do planeta em busca do combustível que mantém os espetáculos circenses na ordem do dia: a satisfação do público.

Quem nasce em um circo, dificilmente deixa de lado a magia desse ambiente. Números e truques são passados de geração em geração e o vínculo entre os que compartilham charme e tradição no picadeiro é tão intenso que se torna raro os artistas não se casarem entre eles, garantindo assim a sobrevivência de uma arte secular.

Charme

Recai sobre a mulher o peso da dupla jornada. A tarefa de cuidar da casa e dos filhos, nem sempre compartilhada pelo marido e parceiro profissional, é cumprida de dia. As noites são reservadas para números de malabarismo, trapézio e adestramento de animais. O dia de folga, para homens e mulheres, é segunda-feira. Para a trapezista carioca Bete Martins, a atividade circense é saudável. Ela credita ao trabalho em equipe o charme do circo e explica que a solidariedade é o motor que faz essa arte existir como espetáculo.

Nesse vaivém pelo mundo afora, as dificuldades de comunicação com povos diferentes não se constituem problema. É que a linguagem do circo é universal. Essa tese é defendida pelo carioca Cláudio Baltar, para quem o palavreado circense é a magia e a alegria. Segundo Baltar, o circo é a maior prova da possibilidade de se realizar coisas tidas, pelo senso comum, como impossíveis. - Tudo é uma questão de treinamento. O típico do circo é trabalhar com a auto-confiança, lidando com os medos internos. Confiança no outro faz parte da tradição circense -.

Tradição, aliás, é o que não falta ao Circo Vostok, companhia de origem russa que anualmente costuma trazer atrações inéditas ao Brasil. Foi numa recente apresentação do Vostok em solo brasileiro que a animadora Cecília (da quarta geração da família Vostok) saiu-se com esse singular comentário: "A vida no circo é fora da rotina. Costumamos dizer que na veia, no lugar de sangue, corre serragem". FA

Uma arte secular que teve origem na Europa

Pode-se dizer que o circo existe desde os primórdios da humanidade. Coube ao alemão Beates, no ano de 1767, denominá-lo. Mas o mérito de organizar o circo como se conhece atualmente é do inglês Philip Astley. E isto aconteceu a partir de 1768.

Pouco se sabe, no entanto, sobre as origens do circo no Brasil. Suspeita-se que isto tenha ocorrido em meados do século passado. É certo que números tradicionais como globo da morte, trapezistas voadores, leões africanos, palhaços, malabaristas, equilibristas e acrobatas ainda permaneçam como presenças marcantes no espetáculo circense. Só que algumas mudanças começam a abrir espaços para circos tidos como mais modernosos, como o do ator Marcos Frota, no qual não há animais. A Intrépida Trupe, time formado por ex-alunos da Escola Nacional de Circo e artistas vindos da dança e do teatro, surgiu em julho de 1986 e traz como proposta uma nova forma, moderna e arrojada, de apresentar a arte circense.

No mundo moderno ainda há lugar para o circo? Responde Cláudio Baltar, integrante do grupo carioca Intrépida Trupe: "O circo, como essência, deve durar para sempre. Isto porque tem sentido universal e vem se renovando cada vez com maior freqüência. O movimento do novo circo, surgido nos palcos europeus, acrescentou outros elementos a essa arte (como visual moderno, por exemplo) na grade da produção de figurinos". No caso do Brasil, segundo Baltar, a síntese do novo circo é representada pela junção da arte circense propriamente dita com os ideais do teatro e da dança.

Ele é da opinião que o circo não só é virtuose, no sentido puramente técnico, mas tem a capacidade de mexer com o Cotidiano das pessoas.

O DF no brasileirão

O Gama conquistou o título da segunda divisão e chega à elite do futebol

O bancário José Alves sempre torceu pelo Vasco da Gama no campeonato brasileiro. Torceu. Em 99, sua paixão será voltada ao Gama, campeão brasileiro da segunda divisão em 98. Morador da cidade, na periferia do Distrito Federal, e presidente do Sindicato dos Bancários de Brasília, José Alves é apenas um entre tantos brasilienses que, pelo menos em 99, deixarão de ser órfãos no futebol, após 12 anos sem times da capital federal entre os grandes do futebol brasileiro.

O time campeão foi desfeito, com vários jogadores vendidos, ameaçando o futuro do Gama no brasileiro

O Gama foi campeão da série B com uma campanha apenas razoável: foram 24 jogos, com 11 vitórias e sete derrotas. Se, nas primeiras rodadas, a equipe chegou a amargar a lanterna, nas fases intermediárias despachou times de maior tradição, como o Bahia, Remo (PA) e Criciúma (SC).

Apesar de não ter tradição nacional, o Gama domina a cena brasiliense há várias temporadas. Fundado em 75, o time foi campeão regional pela primeira vez em *79*. Onze anos depois, engatou uma seqüência invejável: levou os títulos em 90,94,95,*97* e 98.

No entanto, as dificuldades para que o Gama se mantenha na divisão de elite do futebol nacional já começaram. O time perdeu, para o Botafogo (RJ), seu principal jogador, o meia Rodrigo, além de outras peças importantes.

O presidente de honra do Gama, *Wagner* Marques, conta que o time fez um planejamento para chegar à primeira divisão e que o plano deu tão certo que os gamenses subiram para a "prirneirona" antes do previsto.

Sina

O Gama já havia jogado contra os grandes quando o campeonato nacional tinha mais de 40 equipes por edição. Era o tempo em que "a Arena ia mal, mais um time no Nacional". Era o tempo de escretes como Sobradinho (DF), Leônico, Catuense e Galícia (BA), Auto Esporte (PI), XV de Jaú (SP), Itumbiara (GO), Chapecoense (SC), Goytacaz, Olaria e Campo Grande (RJ), DomBosco (MT) e ASA (AL).

Times um pouco melhores que esses, mas também de pouca expressão, chegaram a provocar surpresas. O Brasil (RS) foi terceiro colocado em 85, mesmo ano em que o Bangu (RJ) foi vice-campeão. Oito anos antes, em *77*, o Londrina (PR) havia sido terceiro colocado.

Após a limitação do número de times na primeira divisão, em 87, poucos pequenos chegaram a participar da elite do futebol brasileiro. E nada de vida fácil.

Grande sucesso, após 87, teve o Bragantino (SP), que chegou a ser vice-campeão brasileiro em 91. No ano passado, no entanto, o time do interior de São Paulo caiu.

Também paulista, o União São João, de Araras, subiu e desceu de divisão várias vezes. No ano passado, fez péssima campanha na série B e nem chegou perto da prirneirona.

Outras equipes pequenas tiveram vida ainda mais efêmera na elite nacional. O América (RN) ficou dois anos (97 e 98) na série A; em 93, havia sido a vez do Fortaleza (CE); em 90, Desportiva Ferroviária (ES); em 90, São José (SP); e, em 89, Internacional, de Limeira (SP). Todos, sem exceção, voltaram para o lugar de onde saíram: as divisões inferiores. Os torcedores do Gama esperam que a história de seu time seja diferente.

1999, um ano chico buarqueano

Tárik de Souza

Mesmo tendo lançado em novembro passado "As cidades", o disco que rompeu um jejum de quase meia década, 1999 é que deverá ser um ano Chico Buarque. Além do CD continuar seu pique de consumo (já bateu a marca de 300 mil compradores) é neste ano que ele excursiona com o show homônimo e mostra a cara (e a coragem, descontada a famosa timidez) nos palcos do país. Também lançado em 1998, no teatro João Caetano, no Rio, o espetáculo "Na bagunça do teu coração - Uma história de amor contada pelas canções de Chico Buarque de Hollanda", com a dupla de cantores/atores Claudia Netto e Claudio Botelho saiu em janeiro em CD independente.

Idealizado e roterizado pelos jornalistas João Máximo e Luiz Fernando Vianna, o musical explora à teatralidade das letras (e músicas) do compositor, muitas delas escritas para peças e filmes, numa repaginação que conta uma história ao estilo Broadway com encontro, desencontro e reaproximação. Há temas nunca antes gravados como "Canto fundo de Frederico" e "Canção de Pedroca" e o roteiro foge de alguns sucessos óbvios, embora não dispense clássicos do porte de "O que será ("À flor da pele)", "Eu te amo", "Sob medida", "Olhos nos olhos", "Sem fantasia" e "Todo o sentimento". Também estão incluídas pérolas mais obscuras da grande obra buarqueana como "Dueto", "Almanaque" e "De todas as maneiras". Calcado no lirismo, o musical não evita o lado mordaz do poeta como no feroz "Não sonho mais" (uma revanche contra opressores que pode servir em muitas carapuças) e três faixas da "Opera do malandro", "Casamento dos pequenos burgueses", "Tango do covil" e "Se eu fosse o teu patrão", onde a relação amorosa vem grampeada à questão social. A dupla de cantores é boa e a escola dramatizada de Claudio Botelho tem nítida influência de Cauby Peixoto.

Apenas o bolero "Sob medida" (de 1979) é comum ao disco do musical e o show de Chico, que obviamente investe no repertório do disco novo. De "As cidades" entram "A ostra e o vento" (feita para o filme homônimo de Walter Lima Jr.), "Cecília" (parceira com o violonista e diretor musical Luis Claudio Ramos), "Você, você" (primeira parceria com o genial Guinga de harmonia complexa, nem sempre apresentada em todos os espetáculos), "Injuriado" (um típico samba buarqueano, onde o protesto contra a amada pode ter leitura política em relação à seu entrevem com FHC), "Iracema" (a propósito dos exilados da bancarrota econômica do país) . E mais: "Assentamento" (escrita para o livro do fotógrafo Sebastião Salgado, aborda o Movimento dos Sem Terra), "Xote da navegação" (parceria com Dominguinhos de 1983, só completada agora), "Sonhos sonhos são" (para o neto, filho de Carlinhos Brown), "Carioca" (mistura antigos pregões de rua com a realidade atual da cidade dos bailes funk) e "Chão de esmeraldas" (parceria com Hermínio Bello de Cavalho em homenagem à Mangueira, que o homenageou e venceu o carnaval.

No espetáculo, Chico ainda alterna este repertório recente com músicas de diversas fases da carreira. Com exceção de uma homenagem ao ex-parceiro Tom Jobim ("Sem você") e outra à velha Guarda da Mangueira através do clássico "Capital do samba", do vetereno Zé Ramos, de 85 anos, Chico só canta composições próprias com diversos parceiros como Francis Hime ("Amor barato", "A noiva da cidade") e Edu Lobo ("Bancarrota blues", para a peça "Corsário do rei", de Augusto Boal, de novo atualíssima), além de "Como se fosse a primeira", versão de Chico para a composição do cubano Plabo Milanés. Outras releituras abrangem da obra-prima "Construção" (1971), a "Homenagem ao malandro" (1977) e 'A volta do malandro" (1985), "0 meu amor" (1977), "Samba do grande amor" (1983) e "Futuros amantes" (1993). Como o disco, o show é primoroso e atesta a grande forma do artista maduro que ainda consegue romper as barreiras (cada vez maiores) à MPB de qualidade.

O ano buarqueano completa-se com o relançamento numa caixa da gravadora Universal (ex-PolyGram) de toda a sua obra registrada na empresa, num total de 21 títulos. Inclui até a trilha sonora da peça de João Cabral de Melo Neto, "Morte e vida Severina", de 1966, que nunca tinha sido reeditada, onde apenas sua assinatura musical aparece. E discos essenciais como "Calabar" (com a capa original, proibida pela ditadura que converteu o disco a "Chico canta", em 1973), o referido "Construção" (1971) e três versões da "Opera do malandro". E mais: "Caetano e Chico juntos e ao vivo" (1972), "Chico Buarque e Maria Bethânia ao vivo" (1975), "Sinal fechado", "Quando o carnaval chegar" (de 1972, com Nara Leão e Maria Bethânia), "Meus caros amigos" (1976) e 'Almanaque" (1981). Bons motivos sonoros para canegar o piano deste ano. Buarqueano, apesar de FHC.

Tárik de Souza, jornalista

Fortaleza é

Turisrrio saudável é sinônimo de Fortaleza. A cidade é uma festa, de segunda a segunda. Forró, rock, reggae e samba nos bares e barracas combinam em perfeita harmonia com sol, praia e boa culinária. Quinta-feira, por exemplo, é o dia do caranguejo nos restaurantes da capital cearense, sendo o mais tradicional o do Chico do Caranguejo (praia do Futuro). São diversas praias de águas calmas, areia fina e dunas.

Fundada na primeira metade do século XVII, Fortaleza permaneceu mais de 200 anos como insignificante aglomerado demográfico. Progresso só foi experimentar às vésperas da Independência do Brasil, em 1822, quando tornou-se centro exportador de algodão. Atualmente, depois de passar por um grande surto de desenvolvimento material e cultural, no final do século passado, a cidade possui rica tradição de ecletismo arquitetônico. Ali encontram-se monumentos históricos que receberam fortes influências da arquitetura religiosa neoclássica e negogótica, arquitetura metálica importada e, sobretudo, de técnicas contemporâneas do concreto armado.

Beleza O visual da costa litorânea de Fortaleza surpreende pela beleza. Lazer durante o dia rima com passeio à praia do Fututro, a oito quilômetros do centro da cidade. Três outras praias também encantam pelo seu charme inusitado: Morro Branco, Cumbuco e Canoa Quebrada. Na praia do Porto das Dunas, no entanto, a melhor pedida é o Beach Park: o rnais antigo parque aquático do Brasil. Ali o público infanto-juvenil se diverte com atrações temáticas como arca de Noé e ilha do tesouro.

> A cidade é um oásis para quem gosta de aventura
> FA

Outro bom local para diversão é o Centro Cultural Dragão do Mar, na praia de Iracema (conhecida como a praia dos poetas e intelectuais). O agito por ali fica por conta de teatro, cinema, palco para shows, bares com música ao vivo e alguns dos melhores hotéis da capital cearense.

Com Uma infra-estrutura de Primeiro Mundo, Fortaleza é um óasis para quem gosta de um pouco de aventura, seja no mar ou em terra firme. O litoral de águas azuis e verdes pode ser admirado das mais diversas maneiras: de bugre, barco ou de vôos de ultraleve. É comum, ao longo do fabuloso conjunto de falésias de areias coloridas, a

uma festa

constante formação de cavernas e a existência de nascentes. Outras novidades são as boas feiras populares com produtos exóticos e bonito artesanato. Algumas das atrações Históricas são o Teatro José de Alencar (que compõe o rnais importante conjunto arquitetônico da cidade) e a fortaleza de Nossa Senhora da Assunção, inaugurada entre 1812 e1825 e que coincide com a origem da capital cearense.

Pré-carnaval Desde 1991 faz parte da tradição turística da capital cearense participar todos os sábados, durante os meses de janeiro e fevereiro, do pré-carnaval que ocorre na praia de Iracema. Nesta época do ano o local se transforma na vedete do verão de Fortaleza. O certo é que a cidade literalmente pulsa ao ritmo de tanta badalação, numa prova de que o ócio é um dos rnais sadios prazeres da vida. FA

Delfim Martins

A energia ines

A principal fonte de energia do planeta ainda é pouca explorada no Brasil, cujo govern

O Brasil apresenta taxa de radiação solar das maiores do mundo, o que o coloca em condição privilegiada para o aproveitamento de fontes de energias renováveis: Apesar disso, ainda não estão sendo aproveitadas por aqui as amplas possibilidades apresentadas pela energia solar disponível em todo o território nacional, praticamente o anq todo.

Para André Soares, consultor do Novas Fronteiras, um projeto das Nações Unidas ^ÇsBi^a^ccria com o Ministério da Agricultura, o que ocorre é que estão sendo dadas maior atenção e facilidades às grandes centralizações de energia solarem detrimento da produção doméstica, que praticamente não recebe incentivos.

. A energia solar é, de longe, a fonte predominante entre as demais disponíveis sobre a Terra. Calcula-se que ela atinja 99,98% do total. Dela deriva, direta ou indiretamente, as fontes renováveis como a energia hidroelétrica e os produtos da fotossíntese, inclusive a própria vida, e as não-renováveis como o carvão, petróleo, gás natural e xisto.

Inesgotável na escala humana, disponível em todo o globo terrestre,, as formas não-poluentes e renováveis da energia solar servem a inúmeras aplicações. De uma forma direta, podem ser empregadas na produção de calor, movimento e energia elétrica, utilizando para isso dispositivos conhecidos como coletores solares, que podem proporcionar temperaturas, baixas, médias e altas.

Conversão

A conversão termodinâmica consiste era transformar a radiação solar, primeiro era calor, que, em seguida, é transformado em energia mecânica ou elétrica. Como a energia chega àTerra de forma difusa, pa-

gotável

prioriza fontes não-renováveis e muito mais caras

rá se obter altas terriperaturás, é necessário concentrar a radiação solar. Esse processo se dá através de espelhos parabólicos ou com o emprego de um grande número de espelhos planos, todos eles direcionados de forma a refletir a luz solar numa região bastante pequena.

É possível ainda realizar a conversão fotoyoltaica, que consiste em transformar a radiação solar direto em eletricidade, e também a bioenergética, pela fotossíntese.

Uma das formas mais utilizadas e viáveis de aproveitamento da energia solar é o aquecimento de água em residências, piscinas, hotéis, indústrias, edifícios e propriedades rurais^ O equipamento básico é composto de placas coletoras solares e reservatório térmico. O calor das placas expostas ao sol é transmitido para a água que circula em seu interior em tubulações de cobre.

0 aquecimento de água em residências é altamente viável

Na avaliação de André Soares,,o custo inicial do equipamento tem sido o principal obstáculo a ampliação do uso da energia solar. Um chuveiro elétrico chega a custar 50 vezes menos que um aquecedor solar convencionaly o que acaba determinando a preferência pela eletricidade. O armazenamento da energia para os períodosem que falta a luz do sol exige úmáí bateria específica e isso também significa aumento de despesas. Mas, dentro de uma visão estratégica de política energética, "a energia solar é capaz de amortizar custos e de apresentar, no médio prazo, importantes ganhos econômicos", enfatiza André. |^Mk

Há também que levar em conta o ganha* do ponto de vista ambiental. Além de ser cem por cento . natural e não agredir o meio ambiente, a energia solar é gratuita é inesgotável^ Tem-se como certo que o sol começou a emitir energia há cinco bilhões de anos e os cientistas _ crêem que ele continuará a fornecer energia durante, •pelo menos, outros cinco bilhões de anos.

A quantidade de energia que se pode produzir depende da quantidade de luz, o que significa que a energia solar riem'; sempre estará disponível."Não è possível produzi-la durante a noite, quando ela é rnais necessária para a iluminação,,; e também, em dias nublados é menor a quantidade de energia produzida. Para utilizá-la sempre que .necessário, são adotados sistemas de armazenamento da energia produzida durante as altas temperaturas. j\V

Alternativa para diversos fins ainda não é aproveitada

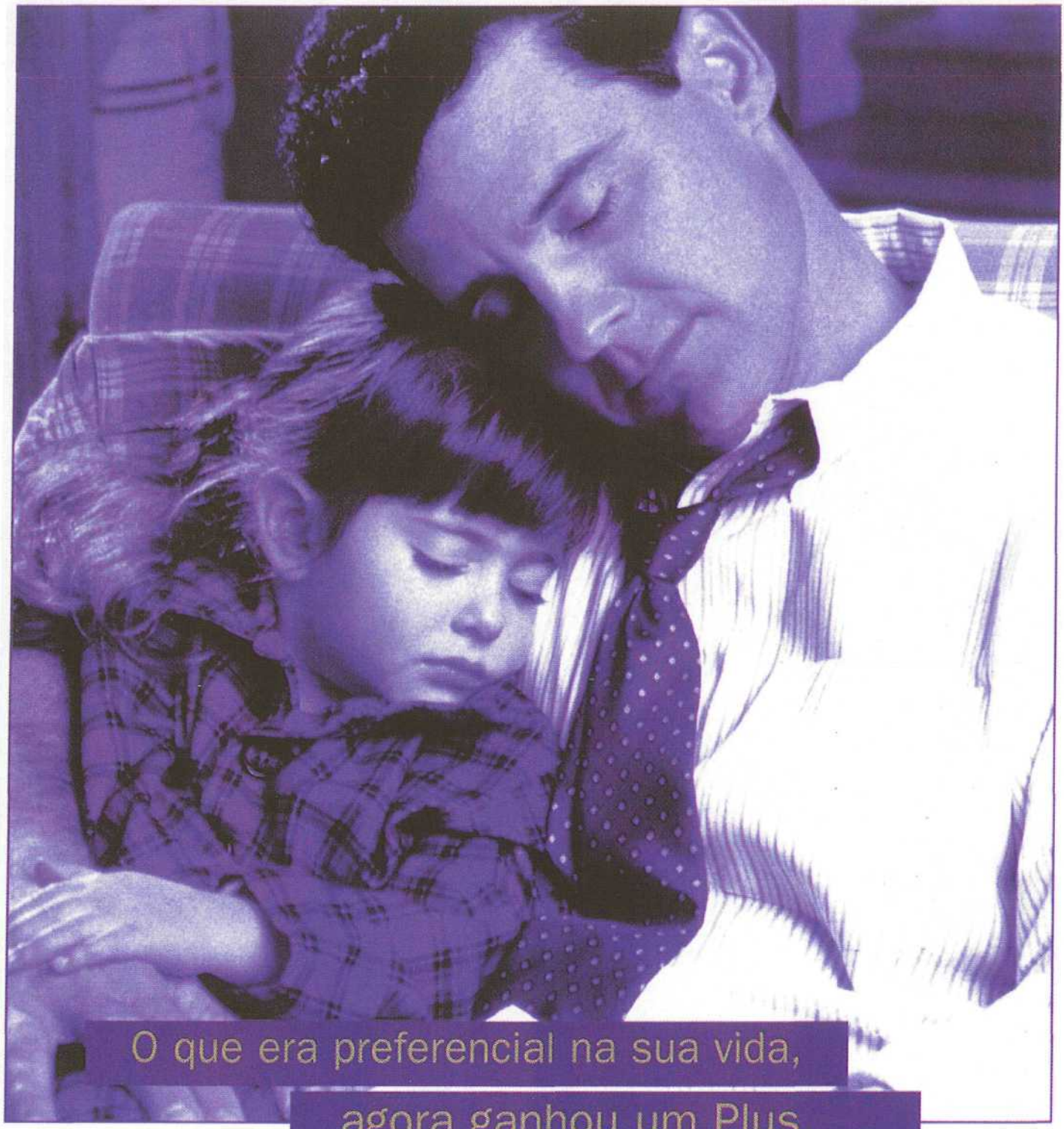
Alguns usos da energia solar são particularmente interessantes, mas representam ainda um potencial pouco explorado. É o caso da arquitetura, que raramente procura tirar proveito da luz do sol para aumentar a iluminação natural e eliminar a dependência de sistemas artificiais de ventilação e ar-condicionado.

Conforme explica André Soares, do projeto Novas Fronteiras, o conforto térmico consiste em manter temperaturas entre 18° e 23° C e pode ser obtido também através do que ele chama de "arquitetura solar passiva", técnica utilizada em sua atual residência. O ideal é que a temperatura do ambiente seja mantida entre 18° e 23°, observando-se para isso a angulação do sol no decorrer do dia, bem como os ventos predominantes. Para se assegurar a manutenção da temperatura ideal no ambiente projetado, os materiais utilizados desde o alicerce ao teto devem ser naturais e apresentar, conforme a necessidade, pouca ou muita massa termal.

Ainda entre as vastas possibilidades de aproveitamento da energia solar está também a viabilização de sistemas de bombeamento de água para o atendimento a comunidades de regiões atingidas pela seca.

Um primeiro e tímido passo nesse sentido foi dado em setembro último, quando o Ministério das Minas e Energia firmou com a Companhia Hidro Elétrica do São Francisco (Chesf) uma parceria de cooperação técnica para a instalação de 260 sistemas de bombeamento de água no Nordeste. À época, o Ministério anunciou a importação de um total de 1.120 sistemas, em sua maioria dos Estados Unidos e da França, ao custo de R$ 4,5 milhões

CADÊ O KIT DE PRIMEIROS SOCORROS?
CALMA, PESSOAL: O CÂMBIO É FLUTUANTE!
REAL II
LAERTE



SEGURO PREFERENCIAL VIDA plus

Plus, porque o seguro que já valoriza seu capital, agora vai valorizar ainda mais - além das coberturas que você já conhece, tem novas coberturas para doenças graves, como: cardíaca, pulmonar, renal, AIDS, neoplásicas malignas, paralisia irreversível e incapacitante. **Plus**, pelo serviço funeral que oferece aos segurados e dependentes toda uma assistência em caso de falecimento. **Plus**, já que os filhos menores de 21 anos e maiores de 15 anos*, passam a ter cobertura automática (no valor de 10% da Cobertura Básica do Segurado Principal). **Plus**, ao permitir a inclusão de parentes (pai, mãe, filhos e irmãos), através de desconto por débito automático em conta corrente ou pagamento por ficha de compensação. **Plus**, porque além de você se sentir mais seguro, vai concorrer a R$ 10.000,00 todo mês. Tudo isso com o menor custo do mercado e a garantia da SASSE. O que era Preferencial Vida, agora é Preferencial Vida Plus. Quer mais?

52 Anos
FENAE SEGUROS

* Limite somente para os menores de 14 anos (neste caso, o seguro destina-se apenas ao reembolso das despesas com funeral).

FENAETUR
Sua viagem na melhor companhia
Fortaleza
5 dias
4 noites de hospedagem com café da manhã
Translados de chegada e saída
City tour
Tour ao Beach Park (sem Ingresso)
Seguro viagem
Hotel SGL DBL TPL
Marina Park 437 222 189
Esplanada Praia 497 252 215
Ponta Mar 372 208 178
Magna Praia 261 155 135
Aéreo consultar condição especial FENAETUR
Preços por pessoa em R$ (reais), sujeitos a reajuste sem prévio aviso, válidos para período de MARÇO a JUNHO, exceto feriados e datas especiais
Fenaetur@fenac.org.br
Belém (091) 224-2096 / Belo Horizonte (031) 201-4196 / Brasília (061) 226-8821 / Fortaleza (085) 261-7700
Recife (081) 465-3062 / Rio de Janeiro (021) 509-3462 / Salvador (071) 340-6856
DEMAIS LOCALIDADES CENTRAL RESERVAS BRASIL TOOL FAX: 0800 614060